

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

GABRIELA FURTADO CHINA KARKLE

HABITAÇÕES COLABORATIVAS
PROJETO DE ATUALIZAÇÃO RESIDENCIAL PARA A GERAÇÃO Y

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2018

GABRIELA FURTADO CHINA KARKLE

HABITAÇÕES COLABORATIVAS
PROJETO DE ATUALIZAÇÃO RESIDENCIAL PARA A GERAÇÃO Y

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, do Departamento Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo – DEAAU, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rolando de Lima

CURITIBA

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

Habitações Colaborativas

Por

GABRIELA FURTADO CHINA KARKLE

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 21 de novembro de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Pedro Sunye
FACULDADES CAMPO REAL

Prof. Marcia Prestes
UTFPR

Prof. Rodrigo Ramon
UTFPR

Prof. Herminio Pagnocelli (orientador)
UTFPR

“[...] o construtor de uma casa possui mais honra do que a própria casa. Portanto, toda casa é construída por alguém; portanto, Deus é o supremo construtor de tudo.”

Hebreus 3:3-4

AGRADECIMENTO

Ao Senhor, meu Deus, por cada detalhe que Ele possibilita ao decorrer da minha vida. A Jesus Cristo “porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória eternamente! Amém.” (Romanos 11:36)

Aos meus amados pais, que se doam integralmente. Que me apoiaram, acreditaram e esperaram alguns anos e percursos inesperados.

As queridas amigas Karol e Raquel que percorreram, mesmo em momentos distantes, os mesmo caminhos.

Ao meu doce e amado marido Isaac, pelos mimos, incentivo, paciência nas ausências e mudanças de humor, e por todo amor dele.

RESUMO

KARKLE, Gabriela F. China. Habitações Colaborativas: Projeto de atualização residencial para a geração Y próximo ao centro de Curitiba, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação no Curso de Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Graduação Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Neste trabalho buscou-se mostrar os principais conceitos do lar. O desenvolvimento do abrigo. O contexto cultural e social como fator de modificação da ambiência sofrida ao longo dos anos na concepção de casa e de layout residencial para a nova geração Y. Posto isso, analisa-se o mercado residencial difundido, demonstrando assim a necessidade da atualização da moradia e conforto para os Millennials curitibanos. Conclui-se que na busca da qualidade de vida, expressa nos lares com espaços comuns e colaborativos, é concretizada na hipotética futura edificação de uma habitação multifamiliar colaborativa.

Palavras-chaves: Casa; moradia; espaço pessoal; qualidade; conforto; colaboração; geração Y; Millennials.

ABSTRACT

The current research seeks the fundamental concepts for the home. Likewise, the development of the shelter. In addition, the cultural and social context as a factor in the ambiance modifications that occurred throughout the years in the concept for a house and residential layout for the Y generation. Having considered this, this paper analyses the widespread residential market, thus demonstrating the need to update the definition of home and comfort for the Millennials that live in Curitiba. In conclusion, the search for quality of life is expressed in homes with common and collaborative spaces, being found in the future and hypothetical edification of collaborative multifamily habitations."

Key-words: House; home; personal space; quality; comfort; layout; collaboration; generation Y; Millennials.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 e 2 – Exemplo de dólmen e menires.....	21
Fonte: Elias, J. 2007-2016.	
Figura 3 e 4 - Exemplo de naveta e castro.....	22
Fonte: Elias, J., 2007-2016.	
Figura 5 - Exemplo de casa na cidade de Ur.....	23
Fonte: slide aula Prof.: Rolando, 2011.	
Figura 6, 7e8 - Exemplos crescentes melhor disposição para o conforto auditivo....	28
Fonte: Vilarroig e Diez, 1995	
Figura 9 e 10 - Exemplos de desconforto visual.....	29
Fonte: Rossi, 2016	
Figura 11 - Exemplo de desconforto visual	29
Fonte: Varella, 2015	
Figura 12 e 13: Casa das Canoas - exterior, no Rio de Janeiro, projeto de 1953, Oscar Niemeyer.....	33
Fonte: Weintraub, 2013.	
Figura 14 e 15: Casa das Canoas - interior, no Rio de Janeiro, projeto de 1953, Oscar Niemeyer.....	33
Fonte: Weintraub, 2013.	
Figura 16: Loft - utilização de espaços industriais para casas.....	38
Fonte: Good Ideas, 2014.	
Figuras 17 e 18: Kansas Flint Hills House, Frank Lloyd Wright.....	39
Fonte: Kansas City Spaces, 1975	
Figura 19 e 20 - Exemplo de hotéis cápsulas.....	41 e 42
Fonte: Hotel - cápsula Nine Hours	
Figura 21 - Exemplos de casas geminadas.....	46
Fonte: Beth, 2010.	
Figura 22 - Exemplos de Bloco com uma caixa de escada para cada unidade (Siedlungs) - Tradicional x Moderna.....	46
Fonte: Koury , Bonduki e Manoel, 2003.	
Figura 23 - Exemplos de corredor coletivo - Edifício Pedregulho.....	47
Fonte: Koury , Bonduki e Manoel, 2003.	

Figura 24 - Exemplos de Blocos em "H".....	48
Fonte: Koury, Bonduki e Manoel, 2003.	
Figura 25 - Exemplos de Blocos em "Y".....	48
Fonte: Koury, Bonduki e Manoel, 2003.	
Figura 26 - Exemplos de bloco com pátio central.....	49
Fonte: Koury, Bonduki e Manoel, 2003.	
Figura 27 - Supremacia Classe C.....	50
Fonte: FGV, 2014	
Figura 28 – Esquema Geração Colaborativa.....	52
Fonte: Karkle, 2018	
Figura 29 - Home Collection.....	53
Fonte: Archdaily, 2011	
Figura 30 - Diagrama elaboração - VitraHaus.....	54
Fonte: Arcspace, 2010	
Figura 31 - Módulos - VitraHaus	55
Fonte: Archdaily, 2011.	
Figura 32 - Esquema de cortes - VitraHaus.....	56
Fonte: Archdaily, 2011.	
Figura 33 - Plantas esquemáticas - VitraHaus	57
Fonte: Arcspace, 2010	
Figura 34 - Cortes esquemáticos - VitraHaus.....	57
Fonte: Arcspace, 2010	
Figuras 35 e 36 - Áreas externas - VitraHaus.....	57
Fonte: Arcspace, 2010	
Figuras 37 e 38 - Áreas internas - VitraHaus.....	58
Fonte: Arcspace, 2010	
Figuras 39 e 40 - Fachadas - VitraHaus.....	58
Fonte: Arcspace, 2010	
Figura 41 - Habitat 67.....	59
Fonte: Archdaily, 2012	
Figura 42 - Habitat 67 - Panorâmico.....	60
Fonte: Archdaily, 2012	
Figuras 43 e 44 - Unidades e montagem - Habitat 67.....	61
Fonte: Archdaily, 2012	

Figura 45 - Exemplo planta dúplex - Habitat 67.....	62
Fonte: Archdaily, 2012	
Figura 46 - Corredores e circulação vertical.....	62
Fonte: Archdaily, 2012	
Figura 47 - Jardins familiares.	63
Fonte: Archdaily, 2012	
Figura 48 - Interiores. Fonte: Archdaily, 2012	64
Fonte: Archdaily, 2012	
Figura 49 - Casas Santorini.....	65
Fonte: Casa Vogue, 2016	
Figuras 50, 51 e 52 - Casa em Santorini.	66
Fonte: Casa Vogue, 2016	
Figura 53 - Mapa de Curitiba - Água Verde.....	67
Fonte: IPPUC, 2015	
Figura 54 - Mapa dos equipamentos.....	69
Fonte: IPPUC, 2015	
Figura 55 - Mapa do terreno.....	71
Fonte: IPPUC (modificado), 2015	
Figura 56 – Localização do terreno.....	72
Fonte: Karkle, 2016.	
Figura 57 – Terreno e entorno.....	73
Fonte: Karkle, 2016.	
Figura 58 – Figura 57 – Resultado pesquisa realizada.....	75
Fonte: Karkle China, 2018.	
Figura 59 – Mapa síntese.....	76
Fonte: Karkle, 2018.	
Figura 60 – Setorização proposta.....	78
Fonte: Karkle, 2018.	
Figura 61, 62 e 63 – Implantação, fachada e vista interna proposta.....	79
Fonte: Karkle, 2018.	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Crescimento da classe média curitibana comparada ao Brasil.

Fonte: Exame, 2009.

Tabela 2: Análise comparativa da faixa de distribuição de renda Curitiba x Água Verde. Fonte: IPPUC, 2015

Tabelas 3: Rendimento médio - Curitiba x Água Verde.

Fonte: IPPUC, 2015.

Tabelas 4: Tipo de domicílio.

Fonte: IPPUC, 2015.

Tabela 5: Parâmetros de uso e ocupação de solo da ZR3.

Fonte: Curitiba, 2000.

LISTA DE ABREVIATURAS

ZR3 Zona Residencial 3

ACRÔNIMOS

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
IPPU Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
ONU Organização das Nações Unidas
UTFPR Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1. PROBLEMA.....	17
1.2. HIPÓTESE.....	17
1.3. OBJETIVOS GERAIS.....	17
1.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
1.5. JUSTIFICATIVA.....	18
1.6. METODOLOGIA.....	19
PARTE 1 - O ABRIGO E O CONFORTO	20
2. O ABRIGO.....	20
2.1 ORIGEM.....	20
2.2. CONCEITO.....	23
3. O CONFORTO.....	25
3.1. ORIGEM.....	25
3.2. CONCEITO.....	26
3.3 TIPOLOGIAS DO CONFORTO.....	27
3.3.1. Conforto-Higiene.....	27
3.3.2. Conforto-Térmico.....	27
3.3.3. Conforto-Economia.....	27
3.3.4. Conforto-Auditivo.....	28
3.3.5. Conforto-Visual.....	28
3.3.6. Conforto-Psicológico (ou Psicologia Ambiental).....	29
PARTE 2 - VARIÁVEIS ARQUITETÔNICAS.....	31
4. FUNCIONALIDADE.....	31
4.1. DEFINIÇÃO.....	31
5. CORRENTE ARQUITETÔNICA.....	32
5.1. Modernismo.....	32
6. ELEMENTOS.....	34
7. ESPAÇO PESSOAL.....	35

8. MEMÓRIA	36
8.1. Memória individual.....	36
8.2. Memória coletiva.....	36
9. TENDÊNCIAS.....	37
PARTE 3 - A BUSCA.....	40
10. PROPRIEDADE PRIVADA.....	40
11. INVESTIMENTO PRIVADO VIÁVEL	43
12. ATUALIZAÇÃO DO LAYOUT.....	45
12.1. TIPOLOGIAS HABITACIONAIS.....	45
12.1.1. Casa geminada.....	45
12.1.2. Bloco com uma caixa de escada para cada unidade.....	46
12.1.3. Corredor coletivo.....	46
12.1.4. Blocos em "H".....	47
12.1.5. Blocos em "Y"	48
12.1.6. Blocos com pátio central.....	49
13. ANÁLISE DA CLASSE.....	49
13.1. Classe C em Curitiba.....	50
13.2. Geração Y.....	51
14. ESTUDOS DE CASOS.....	53
14.1. VitraHaus - Home Collection.....	53
14.1.1. O Projeto.....	53
14.1.2. Considerações.....	59
14.2. Complexo Habitat 67.....	60
14.2.1. O Projeto.....	60
14.2.2. Considerações.....	65
14.3. Casas em Santorini, Grécia	65
14.3.1. Considerações.....	67
15. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE.....	67
16. LOCALIDADE.....	68
17. ÁREA DE INTERVENÇÃO.....	69
17.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO.....	69
17.2. ESCOLHA DA ÁREA DE INTERVENÇÃO.....	72

17.2.1. Análise do Entorno.....	73
18. DIRETRIZES PROJETUAIS.....	74
18.1. CARACTERÍSTICAS ALMEJADAS.....	76
19. PROPOSTA.....	78
20. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
21. REFERÊNCIAS.....	81
APÊNDICE A - PRANCHAS DO PROJETO.....	89

1. INTRODUÇÃO

O conceito de casa é delimitado como o espaço unifamiliar. Sua tamanha importância se dá ao observar a habitação sendo considerada como a “terceira pele” do homem (sendo a primeira a epiderme e a segunda a roupa). Segundo o dicionário Aurélio “lar” apresenta uma conotação mais sentimental. Como observado por Alba Magalhães (2014) as principais diferenças entre lar e casa “Casa é uma construção de cimento e tijolos. Lar é uma construção de valores e princípios”

Assim, para conceituar uma habitação como lar, é indispensável o conforto. Ainda que a definição de conforto seja complexa e individual, precisamos redescobrir a essência do conforto, pois sem ele as casas seriam máquinas em vez de lares. Para isso, analisa-se também as inúmeras variáveis arquitetônicas, com a finalidade de demonstrar como tudo isso contribui para a sensação de conforto doméstico.

Além de se apoiar na ideia central de que pessoas têm demandas por qualidades de moradia diferentes. Uma vez que há uma transformação da ideia do conforto, em cujo significado vão sendo agregados atributos ao longo da história.

Aborda-se como a sociedade brasileira é refém de uma difundida mentalidade, limitada e errônea, sobre empreendimentos privados, ocasionando uma dependência governamental para habitações. Também, criticará como o aumento nas regulações criam um padrão elevado a ser atingido, e pago, por quem mora em condições precárias, impedindo-as de comprar uma habitação de qualidade de acordo com o que ela consegue pagar.

Para isso, demonstrará a influência da nossa história e laços. Visa a casa como centro de referência para uma pessoa, sendo o espaço vivenciado - central e íntimo.

Resultando em um projeto arquitetônico que será uma habitação multifamiliar colaborativa. Um lugar onde cada família tenha seu estilo de cadeira e revestimento que queira usar, onde as crianças poderam ter quintais e hortas, perto da região central curitibana, onde os adultos terão um espaço office para os

free-lances e coworking. Indo de encontro, a um projeto que atenda a demanda de moradias com layouts atualizados e adaptáveis às mudanças temporais e culturais. E principalmente, uma construção que traga independência do sistema governamental de habitação social, sendo um marco regional.

1.1 PROBLEMA

Observa-se em Curitiba alguns fatos relativos a arquitetura residencial consideráveis para análise. A princípio, socialmente há uma desvinculação da relação da 'habitação como lar'. Partindo-se para a busca de um espaço como teto de morada, sendo mais visado do que o conforto e acolhimento de um lar. Isto em decorrência do pouco conhecimento sobre o conceito de conforto, somado ao desalinhamento entre aos padrões residenciais edificados dificultam a difusão de lares com qualidade espacial em edifícios em Curitiba.

“Nem todos os espaços construídos por pessoas têm este caráter da habitabilidade”

Bollnow, 1963

Somando-se o fato da sociedade brasileira ser refém de uma difundida mentalidade, limitada e errônea, sobre empreendimentos privados, ocasionando uma dependência governamental para habitações. Por último, nota-se que Curitiba apresenta uma arquitetura residencial que não evoluiu com para a geração atual, ou seja, uma pendência em habitações para os Millennials, uma geração colaborativa.

1.2 HIPÓTESE

O desenvolvimento de um edifício que reviva o conceito de casa como lar, transmita o conforto respeitando o gosto individual dos moradores. Apresentando a viabilidade de um empreendimento habitacional privado a uma nova geração. Sendo desenvolvido como um marco para a atualização residencial próximo ao centro da metrópole.

1.3 OBJETIVOS GERAIS

Pretende-se, por meio do estudo sobre a moradia e sua evolução, entender a configuração residencial atual, juntamente com as necessidades reais e demandas do morador.

Parte-se-á dessa conceituação para atender e vincular o lar ao seu habitante. Consequentemente, reviver o prazer e aconchego habitacional.

Busca-se as particularidades que identifica a casa e a contribuição para a evolução funcional da residência.

Isto posto, expõe o desejo de uma nova geração, saudosista e colaborativa a padrões habitacionais mais integrados e comunicativos.

Por fim, propõe-se chegar a um projeto arquitetônico de modelo habitacional que comporte as necessidades e peculiaridades da geração contemporânea curitibana, especificamente, no bairro Água Verde, na cidade de Curitiba.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Uma edificação de integração, um conjunto residencial colaborativo. Para isso pretende-se um projeto multifamiliar, que respeite a individualidade e traga o desejo da interação da vizinhança. Também por meio de quintais e espaços comuns, ligando e fluindo as residências. Indo de encontro, a um projeto que atenda a demanda de moradias com layout atualizados e adaptáveis às mudanças temporais e culturais. Sendo um marco conceitual para a construção, trazendo independência do sistema governamental de habitação.

1.5 JUSTIFICATIVA

Segundo Peter Eisenman (2014, pág 51) o arquiteto falha buscando apenas efetivar projetos, uma vez que o glória do projeto se dá em fazer a pesquisa e entender as reais necessidade para a elaboração do projeto.

Para este fim, considera-se que o processo para o projeto significa não apenas reconhecê-lo teoricamente, mas direcionar uma ação decisiva que seja dirigida a um público. Assim, considerada a maior e diversificada classe social brasileira (Pargendler e Hansmann, 2014), ou seja, a classe média, que agrega uma geração em emersão econômica e projeção social.

Como apresentado por Witold Rybczynski (1996) “os ideais arquitetônicos que me haviam ensinado na faculdade frequentemente desconsideravam [...] o conceito convencional dos meus clientes sobre conforto” (pág.8). Isto posto, busca-se o conforto real e individualidade, através da elaboração de habitações versáteis e atualizadas para os polêmicos Millennials.

Para Rem Koolhaas e Peter Eisenman (2014) entender o lugar da inserção do projeto é fundamental, pois “nós como arquitetos não podemos ser cidadãos globais”, mas para elaborarmos um programa devemos ter vínculo com o lugar da implantação (pág. 37). Assim sendo, o perfeito lugar, onde foi cursado o bacharelado de arquitetura e urbanismo é Curitiba, identicamente a proximidade ao centro da cidade é escolhido o bairro Água Verde, considerando ao decorrer do curso apresentados inúmeras pesquisas, trabalhos e levantamentos.

1.6 METODOLOGIA

O tema, por sua característica interdisciplinar, possibilita a utilização de uma abordagem multimetódica. Ainda que o interesse aqui é a interseção da Arquitetura, Design de Interiores, Antropologia, História Brasileira, principalmente, pela fundamentação científica para a tomada de decisões.

Assim sendo, a pesquisa utilizada foi exploratória, para aprofundamento da teoria. Utilizando levantamentos bibliográfico, documental e estudo de caso.

PARTE 1 - O ABRIGO E O CONFORTO

2. O ABRIGO

O abrigo, como sendo a construção predominante nas sociedades primitivas, será o elemento principal da organização espacial de diversos povos e base para a sociedade atual. Esta construção será analisada a origem e definição.

2.1 ORIGEM

“Sem uma longa carreira de saída pela História, não teremos a velocidade necessária (...) para empreender um salto suficientemente ousado em direção ao futuro ...” Munford, 1998.

O homem, criado para ser um ser relacional: se relacionar com Deus, com seus semelhantes e com toda a criação. E para esse relacionamento ocorrer o ser humano necessita de um abrigo. Assim, percebemos que o espaço de morada está presente durante toda a história da humanidade.

A história da arte e da arquitetura aponta que durante a pré-história, especificamente durante o período Neolítico, surgem os primeiros monumentos, sendo construídos os denominados dólmens e os menires. Observa-se também por meio deles as habilidades do homem com o manuseio da pedra.



Figura 1 e 2 - Exemplo de dólmen e menire. Fonte: José Elias, 2007-2016.

O dólmen é uma construção simples, composta por duas ou mais pedras fixadas verticalmente no solo e uma grande pedra disposta horizontalmente sobre as horizontais. O menir é um monumento composto por um único bloco de pedra fincado ao solo em sentido vertical. Por conseguinte, essas disposições promoveram formas de abrigos, possibilitando a permanência em lugares específicos. E permitiu que o homem aperfeiçoasse seu abrigo e ocasionando o surgimento das instituições de família e divisão do trabalho (Mumford, 1998).

Desta forma, o surgimento da arquitetura está associado à ideia de abrigo. O abrigo, como sendo a construção predominante nas sociedades primitivas, o elemento principal da organização espacial de diversos povos. Este tipo de construção pode ser observado em todos os tipos de sociedades, em todo o mundo. A presença do abrigo no inconsciente coletivo de todos os povos é tão forte que ela marca a cultura das sociedades, pois surge um novo cenário que acaba sendo favorável e essencial à sobrevivência humana (Upjohn, Wingert, Mahler et al., 1975). O homem sentia medo, frio, fome, necessidade em se abrigar das feras e intempéries, bem como necessita de um lugar de descanso e é através do espaço de moradia que ele encontra a solução

A caverna que servia de abrigo temporário, deu ao homem primitivo a primeira concepção de espaço arquitetônico, foi “o primeiro vislumbre de um espaço emparedado de intensificar a receptividade espiritual e a exaltação emocional.”, Mumford, 1998, se concretizando na casa.

Posteriormente, surgem as navetas, mais complexas que os dólmen e menire, porém ainda com a mesma técnica ciclópea - grandes pedras assentadas sem argamassa - com formas naviformes. E por fim, aparecem os castros, que são aglomerações de construções de pedra quase sempre circulares.



Figura 3 e 4 - Exemplo de naveta e castro. Fonte: José Elias, 2007-2016.

Assim, com o tempo as comunidades agrícolas do neolítico se transformaram nas primeiras civilizações. Diante disso, infere-se que pelo desenvolvimento do abrigo surge a cidade, o plantio, a domesticação de animais, as classes sociais, o Estado, o comércio, a escrita, desenvolvimento técnico, a geração de riquezas e tudo aquilo que caracteriza uma sociedade organizada. O homem nômade passa a ser sedentário, do individual ao coletivo e ao conceito de propriedade privada.

Exemplificando a intrínseca relação da casa com a sociedade, verifica-se o modelo da casa na cidade de Ur. As casas possuíam um pátio interno, bem como os templos e eram construídos com adobe - tijolo de argila e palha, seco ao sol - e as paredes recebiam o mesmo revestimento.

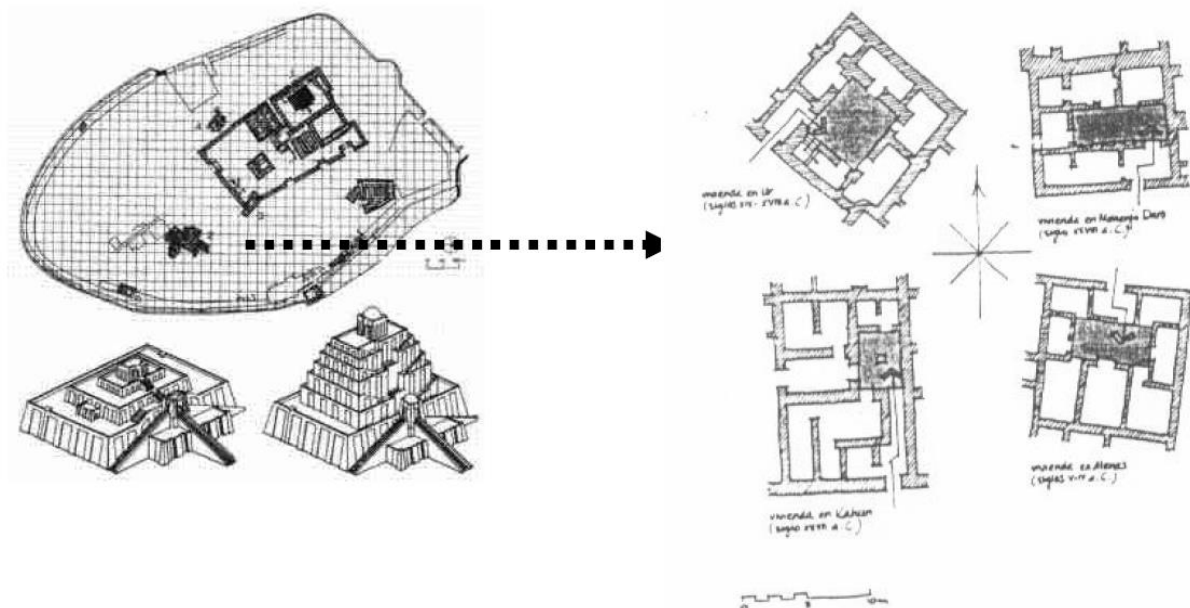


Figura 5 - Exemplo de casa na cidade de Ur - casa resultando do meio social. Fonte: slide aula Prof.: Rolando, 2011.

2.2. CONCEITO

“para manter-se no mundo e nele realizar suas tarefas, o homem necessita um espaço de abrigo e de paz, onde possa se recolher, relaxar e se recompor quando ele se escoriou na luta com o mundo exterior”. Bollnow, 1963

A casa protege das pessoas e das feras, é o ambiente de fuga e descanso. Também abriga do frio e do calor; da chuva e do vento; do ruído e da fumaça. É esse espaço que fornece as bases físicas para que aconteça também o conforto.

“Somente na consciência de estar abrigado o homem pode largar-se ao sono.[...] O próprio espaço se torna uma casca protetora ao redor do adormecido. Esta casca se fecha ao redor do homem”. Bollnow, 1963

Pode-se esperar da moradia como parte de duas das necessidades básicas: proteção e segurança. Contudo, de um lar, espera-se mais do que a função de abrigo. Tem-se a expectativa, consciente ou inconsciente, de que a casa que se habita oferecerá conforto, paz, estabilidade, intimidade e, o mais almejado, ajude a ser mais feliz (Scardua, 2009). Esse diferencial do homem, oferece pré-requisitos espaciais bem definidos. Segundo Bollnow, 1963, “Somente quem habita, separado do âmbito público, pode realizar sua essência e ser homem plenamente”.

“a casa vivenciada não é uma caixa sem vida. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” Bachelard, 1960.

Subjetivamente, a casa representa as várias instâncias da mente, consciente e inconsciente. Nesse sentido, o lar, assim como a mente, expressa o conteúdo cognitivo e emocional que nos constitui como indivíduos distintos do grupo. Sendo assim, um conjunto das vivências físicas, afetivas e intelectuais humanas (Wilhelm, 1976).

No espaço privado da casa, as pessoas sentem-se livres para poderem ser elas. É no espaço doméstico que não se intimidam para mostrar tanto os aspectos desagradáveis quanto os agradáveis. A casa, portanto, é um refúgio que expressar integralmente o homem e as relações ali contidas (Scardua, 2011). Por exemplo, a sensação de conforto que se sente no retorno à casa é desencadeada por heranças emocionais, herdada dos ancestrais e preservada pelo nosso sistema límbico, a principal área do cérebro envolvida nas emoções e comportamentos necessários à sobrevivência (Scardua, 2009).

Sentir-se seguro no espaço que se reconhece como sendo próprio – com a cara do dono – ajuda a combater o estresse cotidiano, recuperando do desgaste diário que é exigido nos espaços e convívios públicos. Psicologicamente, estudos sobre os efeitos do ambiente na vida das pessoas, apontam sobre a importância e influência do lar como sendo desde aspectos genéticos, ligados à neurociência da percepção, até fatores subjetivos como as características de personalidade subsidiadas por formações inconscientes (Scardua, 2009).

Em termos objetivos, o dicionário Aurélio (2008) define a casa como “edifício de formatos e tamanhos variados, geralmente de um ou dois andares, quase sempre destinado à habitação; família; lar.” em suas primeiras definições. Complementarmente, o direito civil brasileiro classifica como sendo “sede jurídica da pessoa, onde ela se presume presente para efeitos de direito. É o lugar pré-fixado pela lei onde a pessoa se encontra.” (Art. 72 do Código Civil - Lei 10406/02).

3. O CONFORTO

O conforto na moradia é o que determina e influencia a percepção do espaço. Responsável pelo bem-estar agrega emoções e sensações na casa, assim para entender analisa-se a origem na arquitetura e os conceitos que se relacionam.

3.1. ORIGEM

Segundo o dicionário Aurélio (2008) as principais definições de conforto são: ato ou efeito de confortar(-se); estado de quem é ou se sente confortado; bem-estar material, comodidade física satisfeita.

A origem de “conforto” se explica pelo verbo “confortar”: este vem do latim *confortare* e tem a mesma origem que “força”; levar força significava consolar. O arquiteto Witold Rybczynski (1996) esclarece que a aplicação do conceito de conforto à moradia teve início no século XVIII, e que esse conceito surge inicialmente ligado ao conforto térmico. Ainda segundo o mesmo autor, essa noção de conforto evolui no tempo. Partindo da satisfação de um bem estar físico, vão sendo agregados significados como privacidade, aconchego, eficiência e domesticidade, de acordo com as características socioculturais da população.

Como analisado, desde o início de sua história a arquitetura surge como uma forma de possibilitar ao homem um habitat seguro e através do qual ele possa se defender também das hostilidades climáticas do meio. Primeiro ocupando cavernas e depois fazendo arquitetura. O ser humano foi tornando seu abrigo cada vez mais adequado às suas necessidades. Do arquiteto depende a adequação da forma arquitetônica à sua função e a correta especificação dos fechamentos utilizados no projeto. O projeto consciente deve buscar tirar partido de cada variável para garantir ao edifício uma perfeita interação entre o homem e o meio em todas as escalas (Lamberts, Dutra, Pereira et al., 2013).

Isto posto, conclui-se que é o espaço que fornece as bases físicas para que aconteça o conforto. Por isso, é preciso entender que os diferentes aspectos que compõem o conforto não são muitos, mas eles se interrelacionam.

3.2. CONCEITO

“O conforto é um ideal da casa, a casa de cada um, e somente nela se encontra conforto pleno. Na intimidade de poucas pessoas e objetos, no meio do escuro envolvente da noite, largamo-nos ao sono, mergulhamos em nossa essência. E quando, despertados, pisamos fora da casa, já nos tomou a atração do mundo, que oferece paisagens, encontros, oportunidades, estímulos, trabalho e também diversão” Bollnow, 1963.

Na arquitetura, frequentemente, as expressões conforto e conforto ambiental são confundidas ou possuem definições incertas. O principal sentido de conforto presente demonstrado aqui é o de comodidade, abrangendo todas as variáveis da edificação consideradas como positivas, tais como bom dimensionamento, boa localização, privacidade, ou seja, tudo o que poderia propiciar bem-estar aos moradores e usuários dos edifícios.

Assim como, o conforto mediante aos cuidados com as condições físicas e mensuráveis (como temperatura e umidade) adequadas ao corpo humano são fundamentais para o lar. Dessa forma, há unanimidade com respeito à necessidade de conforto, e isto é observado para todos os ambientes, em fatores de ambiência, como as sensações táteis e térmicas, dos sons, da luz e das cores nos ambientes.

O conforto ambiental está ligado diretamente as variáveis arquitetônicas de determinada edificação, vindo a forma a ter grande influência no conforto do ambiente e no seu consumo energético. Com isso, interfere diretamente sobre os fluxos de ar, no interior e exterior e também na quantidade de luz e calor recebidos pelo edifício. (Lamberts, Dutra, Pereira et al., 2013)

Rybczynski (1996) também identifica muitos valores subjetivos que foram surgindo ao longo da história: intimidade e privacidade, domesticidade, deleite, leveza, eficiência, estilo e consistência, austeridade. Fala ainda da paz, e esta é tratada por importantes filósofos. Gaston Bachelard, autor de *A poética do espaço*, por exemplo. Para ele, a maior virtude da casa é abrigar o sono de quem dorme e sonha, não somente recupera-se para o dia seguinte, mas medita sobre sua origem.

“Nem todos os espaços construídos por pessoas têm este caráter da habitabilidade”

Bollnow, 1963.

3.3 TIPOLOGIAS DO CONFORTO

Como observado, entende-se o conforto como um todo a partir da junção das suas sub definições, objetivas e subjetivas, assim há uma adaptação desses conceitos ao homem, também sendo vital para o lar. Por isso, o respeito à necessidade do conforto, sendo as principais tipologias ao ambiente analisadas.

3.3.1. Conforto-Higiene

São os efeitos dos projetos arquitetônicos na saúde e no bem-estar. A preocupação com a iluminação e a ventilação natural, através da posição e do dimensionamento das aberturas, bem como proteção das mesmas contra a insolação excessiva. Analisa-se também, neste quesito, afastamento entre os edifícios e questões sanitárias. (Silva, 2009).

3.3.2. Conforto-Térmico

Este é um fator determinante para a qualidade de vida dos habitantes. O sol é um dos principais elementos a considerar, tanto termicamente como de iluminação. Bem como o local de implantação, o clima, a orientação, vento, umidade, temperatura, radiação, altitude, topografia e vegetação.

3.3.3. Conforto-Economia

O foco é o espaço com o máximo de aproveitamento. A questão da habitação econômica: “Construir uma casa a mais cômoda e barata possível, eis o que deve preocupar o arquiteto construtor da nossa época (...) onde a questão de economia predomina sobre todas as demais” (Warchavchik, 2006, p.37). O discurso de Warchavchik evidencia o conhecimento dos arquitetos modernos brasileiros com relação aos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), que em 1929

se reuniram na cidade de Frankfurt para debaterem sobre a produção da moradia para a máxima existência. Ou seja, fazer um padrão de moradia mínima, mas confortável, e com um custo possível de ser pago pelos trabalhadores (Silva, 2009).

3.3.4. Conforto-Auditivo

Percebemos o espaço também através dos estímulos sonoros. Ele nos dá a sensação de agrupamentos e proximidade. Quando mal utilizado a reflexão e direção sonora nossos lares são invadidos gerando o desconforto. Quanto mais complexo o som, mais próximo ele se encontrará

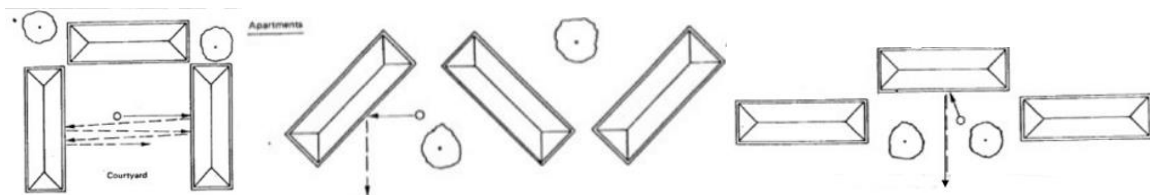


Figura 6, 7 e 8 - Exemplos crescentes de melhor disposição para o conforto auditivo - Reflexão do som. Fonte: Vilarroig e Diez, 1995

3.3.5. Conforto-Visual

Efeitos que podem ser danosos resultantes dos impactos visuais causados por determinadas ações e atividades. Em forma de poluição se apresenta através das pichações, da disposição inadequada do lixo, da extensão de redes aéreas, dos monumentos mal cuidados, bem como, pelo elevado número de cartazes publicitários, placas, painéis e letreiros, os quais se multiplicam pela cidade encontrando-se espalhados por todos os cantos e paredes, com propagandas das mais diversas origens que acabam por agredir, de uma forma ou de outra às outras pessoas, gerando diversos malefícios.



Figura 9 e 10 - Exemplos de desconforto visual. Fonte: Rossi, 2016



Figura 11 - Exemplo de desconforto visual. Fonte: Varela, 2015

3.3.6. Conforto-Psicológico (ou Psicologia Ambiental)

O conceito considera as sensações fisiológicas e psicológicas de conforto dos usuários no ambiente construído, visando contribuir para o conforto num sentido mais abrangente. É talvez a que esteja menos evidente no projeto, porém possui o maior peso de influência ao homem inconscientemente.

As sensações de conforto dos usuários no espaço construído são mais do que reações fisiológicas, uma vez que exercem também papel cultural, simbólico e

sensorial. Heschong (2002) enfatiza como as sensações térmicas afetam a experiência do ambiente pelas pessoas, reforçando o significado deste, como abrigo ou proteção, na vida de seus usuários. Também ficam retidas na memória como qualidade avaliada a partir de um repertório de experiências espaciais acumuladas, associando-se à experiência completa do ambiente e contribuindo para sua identificação.

Assim, as sensações de conforto traduzidas pelas reações fisiológicas do corpo humano associam-se às sensações de conforto psicológico, que se traduzem em reações de apego ou de desprezo ao lugar.

PARTE 2 - VARIÁVEIS ARQUITETÔNICAS

4. FUNCIONALIDADE

Funcionalidade, em arquitetura, quer dizer forma adequada à função.

"A arquitetura começa onde termina a função." Sir Edwin Lutyens

Para isso, analisa-se como a perfeita adequação ao uso confere ao edifício qualidades estéticas e direciona ao conceito anterior de conforto.

4.1. DEFINIÇÃO

São regras arquitetônicas que estabelecem medidas mínimas para os elementos, em função da ergonomia, acessibilidade e segurança. Por isso, para elaborar o projeto é necessário analisar previamente a circulação do ambiente, bem como as atividades e respectivos utensílios que serão instalados no espaço.

A definição segundo o dicionário Aurélio (2008) é: relativo às funções vitais; que funciona bem ou que é de fácil utilização; que permite efetuar alguma coisa da melhor maneira; concebido e executado para ter maior eficácia nas funções que lhe são próprias (diz-se de arte, ou técnica, como a arquitetura, ou ainda de móvel, utensílio etc.); que possui eficácia; de uso cômodo; prático, utilitário.

O funcionalismo pode ser definido como um ajuste entre os meios e os fins. Funcionalidade, em arquitetura, quer dizer forma adequada à função. Porém essa teoria funcionalista que prega que a forma resulta basicamente da função utilitária está associada ao princípio estético de economia.

Essa função, majoritariamente é também a motivo que direciona o arquiteto na solução dos problemas. E, por mais que o funcionalismo possa parecer como doutrina estética, muito do que é bom em arquitetura nasceu por meio dele. Assim, perfeita adequação ao uso confere ao edifício qualidades estéticas que o elevam, automaticamente, ao nível da obra de arte. O projeto deveria ser dirigido, portanto, para a satisfação as necessidades, que é a sua utilidade prática.

5. CORRENTE ARQUITETÔNICA

É justamente pela maneira pela qual a forma se vale da função que reside a essência da arquitetura em suas correntes arquitetônicas. Deste modo, para a boa arquitetura, repleta de componentes cuja função não é unicamente o uso prático, mas também estão situados no nível simbólico, expressivo, social e tecnológicos de uma época (ou período do pensamento).

Segundo Ezra Pound (1934), uma das melhores formas de crítica a uma obra seria uma outra obra, que fosse também uma criação. Por isso, as correntes arquitetônicas interferem na leitura do espaço. Para esse estudo analisaremos a comparação das visões do modernismo, sendo a corrente mais funcional e atual.

5.1. Modernismo

O Modernismo foi um movimento artístico e cultural, teve seu início na Europa e começou a se difundir no Brasil a partir da primeira década do século XX. Os arquitetos modernistas buscavam o racionalismo e funcionalismo em seus projetos, sendo que as obras deste estilo apresentavam como características comuns formas geométricas definidas, sem ornamentos; separação entre estrutura e vedação; uso de pilotis a fim de liberar o espaço sob o edifício; panos de vidro contínuos nas fachadas ao invés de janelas tradicionais; integração da arquitetura com o entorno pelo paisagismo, e com as outras artes plásticas através do emprego de painéis de azulejo decorados, murais e esculturas (Upjohn, Wingert, Mahler et al., 1975).

Partindo do ideal, que a corrente interfere na leitura do espaço, exemplificando, é socialmente difundido que o modernismo trata o conforto como algo oposto à arte. Para Christopher Reed (2013) em sua coletânea 'Not at home: the Suppression of Domesticity in Modern Art and Architecture', o conforto teria um ranço burguês e caseiro, ou seja, feminino, saudosista e tradicional, enquanto que a arte é arejada, máscula, e vanguardista, desafia o que está consolidado e conclama a técnica a salvar a sociedade. Os arquitetos modernos apresentam casas como máquinas de morar, muito funcionais, despojadas de ornamentos e com móveis clean, mesas ortogonais, cadeiras tubulares, de acordo com o autor (2013) "uma estética que cheira a quarto de hospital". Assim, "com as bugigangas pessoais desapareceu das casas a intimidade e com o acréscimo do luxo da decoração, desapareceu seu encanto"

(Reed, 2013). E os ambientes por muito espaçosos, como são as casas, parecendo caixas de vidro, destruíram os princípios da privacidade e comodidade.

No entanto, a arquitetura moderna brasileira aborda o conforto como comodidade, abrangendo todas as variáveis da edificação consideradas como positivas, tais como bom dimensionamento, boa localização, privacidade, ou seja, tudo o que poderia propiciar bem-estar aos moradores e usuários dos edifícios. A arquitetura moderna, também tratou o tema do conforto buscando ligá-lo às necessidades funcionais, construtivas e urbanísticas. Por isso, no Brasil, um pouco diferente da escola modernista de Mies Van Der Rohe, arquitetos como Niemeyer e Vilanova Artigas enfocam o conforto resultando em projetos adequados para cada região, em edifícios com aberturas que permitem ventilar e iluminar o suficiente, mas com dispositivos para se descartar qualquer incômodo (Silva, 2009).



Figura 12 e 13: Casa das Canoas - exterior, no Rio de Janeiro, projeto de 1953, Oscar Niemeyer. Fonte: Weintraub, 2013.

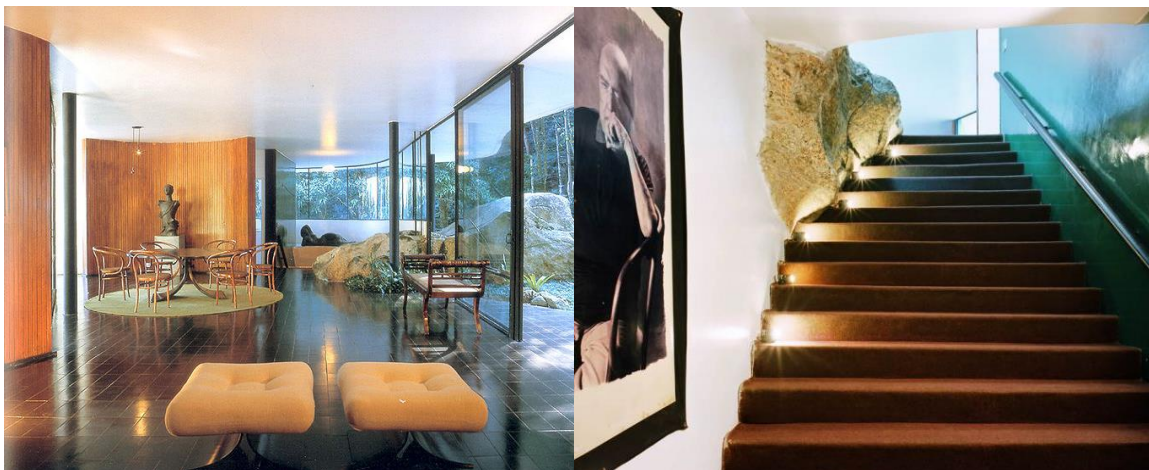


Figura 14 e 15: Casa das Canoas - interior, no Rio de Janeiro, projeto de 1953, Oscar Niemeyer. Fonte: Weintraub, 2013.

6. ELEMENTOS

São eles que compõem o espaço e trazem a personalidade ao ambiente. Fatores como amplidão, nichos, mobiliário e equipamentos, barreiras visuais e acústicas, distâncias interpessoais, iluminação, desníveis de piso e forro; e sub-elementos, como pé-direito, materiais de acabamento, vista exterior.

O elemento amplidão possibilita a adaptabilidade do ambiente, permitindo o ajuste das distâncias interpessoais. De acordo com a teoria Affiliative-Conflict (Wilson, Hayes, Gifford et al., 1997) um mesmo espaço pode acomodar comportamentos tanto formal, quanto informal: um ambiente confortável é aquele possibilita o equilíbrio das nossas tendências de afastamento e aproximação. Mesmo espaços amplos podem propiciar intimidade pela possibilidade de formação de nichos, através de mobiliário e/ ou barreiras que não comprometam a sensação de amplidão.

Para Hall (2004), o que se pode fazer num determinado espaço determina a maneira de experimentá-lo. Por exemplo, a sensação de amplidão apresenta o poder de caminhar de um lado para outro, logo, comparando-se dois ambientes de dimensões semelhantes, a experiência de amplidão virá do ambiente em que for necessário o menor número de passos para atravessá-lo. Alexander et al (1977) aconselha pés-direitos a ambientes de diferentes usos, capacidades e graus de intimidade entre usuários, sendo o pé-direito alto adequado para um maior número de pessoas desconhecidas.

Os nichos são configurados por mobiliário e/ou estruturas físicas, como paredes e materiais de acabamento, e destacam o espaço pessoal, proporcionando maior proteção, intimidade e interação social. Podem ser também conformações temporárias ou fixas, neste último caso subtraídas ou agregadas ao volume da edificação (Alexander et al, 1977). Mobiliário flexível, adaptável por meio de rodízios, e equipamentos de tecnologia sem fio, como wireless, permite diversos arranjos de acordo com as atividades a serem desenvolvidas, contribuindo para a adaptabilidade do ambiente. Apesar de recorrente em projetos de escritórios recentes, o projetista deve estar atento à necessidade de garantia do espaço pessoal, em meio a tantas opções de arranjos (Alexander et al, 1977).

Outra questão é a segurança ou proteção do usuário, e influência na percepção do espaço, podendo materializar-se em barreiras visuais e/ou acústicas. Exemplificando, em ambientes públicos, a sensação de segurança é necessária para a caracterização e permanência. Por exemplo, para que um indivíduo sozinho se sinta confortável neste tipo de ambiente, necessita ter a maior visibilidade possível, que pode ser alcançada por uma localização estratégica e protegida (Wilson, Hayes, Gifford et al., 1997).

7. ESPAÇO PESSOAL

Os conceitos de Espaço Pessoal, territorialidade, apinhamento (crowding) e privacidade estruturam grande parte dos estudos sobre o comportamento humano no ambiente construído pela psicologia ambiental. O Espaço Pessoal é um desses fundamentos comportamentais no arranjo dos espaços (GIFFORD, 1997).

No conceito proposto por Sommer (1969), o Espaço Pessoal refere-se a uma área com limites invisíveis que cercam o corpo das pessoas, sendo um território portátil. Reflete dois usos: o primeiro refere-se à zona carregada emocionalmente ao redor de cada pessoa, a “bolha” que regula o espaçamento entre elas. O segundo uso refere-se aos processos pelos quais as pessoas delimitam e personalizam os espaços que habitam.

“Espaço Pessoal: a componente espacial - distância e orientação - das relações interpessoais. O autor coloca que o Espaço Pessoal é influenciado por questões pessoais (incluindo o gênero, a idade, a personalidade), sociais (que envolvem a atração, o medo/segurança e as relações de poder e status), físicas, religiosas, étnicas e culturais, sendo esta última a mais facilmente perceptível na conformação do espaço. Afirma, ainda, que o Espaço Pessoal pode ser predito, em parte, quando se conhecem as características pessoais dos indivíduos que influenciam na determinação deste espaço, entretanto depende do arranjo feito entre essas influências para cada situação em particular. As configurações de arranjo físico sociopetal (o que possibilita o contato social) e sociofugal (o que não propicia o contato social) influenciam o Espaço Pessoal, e sua qualificação depende da cultura dos usuários e da situação ou função a que se destina o ambiente.” Barros et al., 2005.

“Na medida em que as distâncias escolhidas transmitem o grau de intimidade das ações sensoriais e a preocupação com a própria proteção, elas também informam sobre a qualidade dos relacionamentos estabelecidos.” Bollnow, 1963

8. MEMÓRIA

De acordo com o dicionário Aurélio (2008) “faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos; uma m. boa ou má; aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência.”, ou seja, memória pode retratar não apenas lembranças. Há diferentes categorias de memória, como individual, coletiva, nacional, entre outras. É o conjunto de elementos necessários para a criação, manutenção e modificação das identidades individuais, coletivas e nacionais, sendo uma operação ideológica.

8.1. Memória individual

Conceito foi apresentado por Henri Bergson (1859-1951), filósofo francês. O autor publica em 1896 a obra ‘Matéria e memória’. Nela estuda o conceito, como a percepção, a lembrança, presente no ato cotidiano; como algo espontâneo, uma forma de conservação do passado e este é acionado pelo presente e influência pelas artes (por exemplo, a literatura).

E este tipo de memória que ativa os sentimentos e emoções. É pessoal, assim lugares, cheiros, objetos, paladares, visuais, entre outros, recriam a memórias trazendo consigo as sensações. No conforto, parte-se no pressuposto de memórias da infância como a base para o conceito individual.

8.2. Memória coletiva

Apresentada por Maurice Halbwachs (1877-1945), sociólogo francês. A memória coletiva (1950), como sendo a memória um elemento social; também definida como um sistema de representações: filmes, textos, músicas, gestos, falas etc.

Ao contrário da individual, esta memória é relacionada a experiências divididas. Sendo, como visto o abrigo um de seus exemplares, uma vez que todos possuem essa memória em comum.

“Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais.

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópios, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica”. (Pierre Nora, “Entre memória e história: a problemática dos lugares”, p.09)

9. TENDÊNCIAS

Como exposto anteriormente, a sobrevivência do ser humano dependia da capacidade de encontrar lugares seguros, que fornecessem abrigo dos elementos naturais e proteção contra os predadores. Assim, tende-se a preferir lugares acolhedores, que dão a sensação de conter, abrigar, acolher.

Para Stroeter (1986) “o "bom desenho" ainda é o da geometria das formas puras, do círculo e da esfera, do cubo, do prisma e da pirâmide, da definição das arestas e das curvas, e, principalmente, do modo como se relacionam, entre si e com o todo”, e não um modismo passageiro.

Por exemplo, a tendência dos lofts, mesmo sendo enaltecida pela mídia especializada e de grandes nomes da arquitetura, como Philip Johnson, não conquistou tornar-se uma regra de moradia, nem mesmo para uma minoria significativa. Por outro lado, há características, como de Frank Lloyd Wright, que é

mestre em criar habitações cheias de espaços com característica de “refúgio”. Muitos profissionais, atualmente, seguem esses princípios optando por uma disposição dos móveis e por uma escolha de materiais – como madeira, pedra e outros – que remetem aos instintos e promovem a sensação de conforto e segurança.



Figura 16: Loft - utilização de espaços industriais para casas. Good Ideas, 2014.



Figuras 17 e 18: Kansas Flint Hills House, Frank Lloyd Wright. Fonte: Kansas City Spaces, 1975

PARTE 3 - A BUSCA

10. PROPRIEDADE PRIVADA

A Declaração dos Direitos Humanos, de 1948 garante o direito à habitação como um direito fundamental de todo ser humano, assim como é seu direito ter um padrão de vida capaz de assegurar-lhe tal habitação (ONU, 1948).

No entanto, quando se fala sobre direito à moradia, esquece-se que casas não possuem geração espontâneas (ou não caem do céu); ilustrando, o direito teórico (ONU, 1948) de Maria ter sua casa representa obrigatoriamente o dever de João construí-la. A associação entre governo e construtoras é extremamente grave, pois em nosso país o governo populista usa impostos para fazer casas populares em busca de votos.

Para isso, essa é a mentalidade difundida, onde o sonho nacional é a casa própria, independe de condições financeiras para o habitante e qualitativas da construção. Enquanto o governo viabiliza programas populistas de casa própria, o preço das casas e dos aluguéis aumentam. Assim, o projeto seria "minha casa, sua vida", já que a casa de um representa um fardo para a vida do outro (Constantino, 2009).

O instituto da propriedade privada da Constituição de 1988, apresenta: Art. 5º:

XXII - é garantido o direito de propriedade.

Santoro, afirma "A Constituição garante o direito de propriedade, mas o submete ao atendimento de uma função social".

No Brasil, nitidamente vemos as consequências deste tipo de política, como milhões morando em condições irregulares e precárias nas favelas, impedidos de serem atendidos pelos agentes de mercado, pois aguardam como vítimas serem atendidos por projetos populistas e paternalistas (Ling, 2010). No entanto, se o objetivo é ter mais moradia adequada para os necessitados, então a solução seria diretamente retirar tantos obstáculos criados pelo próprio governo, inicialmente a carga tributária abusiva e a enraizada burocracia. Assim, o governo acaba sendo não parte da solução, mas o problema (Constantino, 2009).

Nosso país possui um amplo regimento definindo quais os requisitos mínimos para ter uma obra aprovada pelas secretarias municipais. Por exemplo, os Códigos

de Edificações, estabelecido por cada cidade e ainda mais detalhes específicos impostos por secretarias de planejamento, obras e ambientais de cada cidade; adicionalmente, a Norma de Desempenho também aplicada em nível federal. Justificando para tantos regulamentos, que para o estabelecimento dessas são as garantias legais de que todos cidadãos tenham um mínimo de qualidade de moradia.

Entretanto, quando estudado políticas públicas percebe-se que a promulgação de leis não cria milagrosamente edificações de alto padrão acessíveis para todos (Ling, 2010) e ao invés produz efeitos contrários a finalidade. Em decorrência, obtém-se a proibição da construção de edificações de menor qualidade ocasionando uma rigidez projetual. Não obstante, o tamanho da regulação vigente impede empreendedores do setor da construção civil de construir moradias a preços acessíveis para os pobres. Resultando no conceito governamental de que os empreendedores pensam apenas em atender as classes mais altas, e assim o governo assume a posição de salvador, que constrói milhões de casas populares (Ling, 2010).





Figura 19 e 20: Exemplo de hotéis cápsulas - Segundo reguladores, humanos jamais poderiam passar a noite em condições precárias como essa. Fonte: Hotel - cápsula Nine Hours

Nessas regulamentações não é considerado, equivocadamente, que as pessoas possuem demandas por qualidades de moradia diferentes. Sendo propagado que e se não houvesse essas legislações, as construtoras fariam apartamentos minúsculos e inabitáveis. Não considerando que as pessoas têm desejo de morar em lugares por vezes menores, mas no entanto melhores. O que deveria ser transmitido a sociedade é que esta demanda real que acarreta a melhoria e a evolução da qualidade das edificações, e não marcos legais (Ling, 2010).

"Fico feliz se as pessoas que precisam de uma casa que eu projetei encontram um modo de viver melhor. Mas este não é o motivo do meu trabalho. Nem minha justificação. Nem minha recompensa. [...] Que arquiteto não está interessado em conjuntos habitacionais? Detesto essa ideia maldita. Acho que é um empreendimento que tem seu valor... fornecer um apartamento decente a um homem que recebe quinze dólares por semana. Mas não às custas de outros

homens. Não se isto aumenta os impostos, aumenta todos os outros aluguéis e obriga o homem que recebe quarenta a viver num buraco de rato. [...] Eu não tenho vontade de penalizar um homem porque ele só vale quinze dólares por semana. Mas que um raio me parta se posso entender por que um homem que vale quarenta deve ser penalizado... e penalizado em favor de um que é menos competente. [...] Eu só queria perguntar a cada um deles como podem ter certeza de que o plano adotado vai ser o seu. E se for, que direito tem ele de impor suas idéias aos outros? [...] Não acredito em conjuntos habitacionais financiados pelo governo. Não quero ouvir nada sobre nobres propósitos. Acho que não são nobres." Ayn Rand, A Nascente.

11. INVESTIMENTO PRIVADO VIÁVEL

Inicialmente, precisa ser abordado uma pequena contra-argumentação explicativa aos aspectos relevantes sobre o pensamento anticapitalista difundido na atualidade, particularmente no meio arquitetônico. Posteriormente, será explicado como toda a população se beneficia justamente do que é atacado: o interesse próprio e a busca pelo lucro dos capitalistas; demonstrando a viabilidade do empreendimento proposto.

Devido a incapacidade intelectual e moral difundido popularmente, o socialismo, com sua suposta preocupação com o bem-estar de todos e sua hipotética racionalidade de planejamento, deveria ter prosperado e prevalecido, e por outro lado o capitalismo, com sua preocupação exclusiva com o lucro individual e sua suposta 'anarquia no sistema de produção', é quem deveria ter fracassado (Reisman, 2011). Ao senso comum, o fato de ter ocorrido o resultado oposto no mundo real é algo que deve colocar em dúvida a confiabilidade da própria razão em si.

Na verdade constata-se, no mundo real, a busca pelo lucro sendo a base de um contínuo processo de inovação, no qual são constantemente introduzidos novos e melhores produtos e novos e menos custosos métodos de produção. Exemplificando, as fortunas empresariais, em um livre mercado, são acumuladas por meio dos altos lucros gerados pela introdução de novos e aperfeiçoados produtos e também pela introdução de métodos de produção mais eficientes e menos custosos. Ou seja, o desenvolvimento de novos e melhores produtos que as pessoas desejam comprar, e o aprimoramento de mais eficientes e menos custosos métodos de

produção daqueles produtos que já existem e que as pessoas continuam querendo comprar, são as principais formas de um empreendedor obter lucros em um livre mercado (Reisman, 2011).

Observa-se então que as fortunas de empreendedores servem, em grande parte, para aprimorar as invenções e a produção de produtos. Como é o caso da fortuna pessoal de Henry Ford, a qual foi adquirida em decorrência da introdução de grandes aprimoramentos na eficiência da produção automotiva, o que fez com que o preço de um automóvel novo caísse (Chiavenato, 2010).

Adicionalmente, as altas taxas de lucro adquiridas com produtos novos e aprimorados e com métodos de produção mais eficientes são temporárias (Reisman, 2011). Assim que a produção de um novo produto ou o uso de um novo método de produção mais eficiente se torna padrão em uma indústria, ele deixa de gerar lucros excepcionais. Por isso a contínua necessidade de novos aprimoramentos são excelentes investimentos (Chiavenato, 2010).

Ou seja, a "ganância" capitalista foi o que aprimorou tão rapidamente o padrão de vida do cidadão comum (Reisman, 2011). Sendo algo pelo qual todos nós devemos ser gratos. Pois se tal "ganância" fosse menos "epidêmica" e menos generalizada, o aprimoramento do nosso padrão de vida teria sido bem menos intenso.

Portanto, esses fatos demonstram que o capitalismo de livre mercado, é o sistema econômico mais ético e moral que existe. Ele é a materialização das liberdades individuais e da busca pelo interesse próprio. Ele resulta no progressivo aumento no bem-estar material de todos, algo que se manifesta no aumento das expectativas de vida e no contínuo aprimoramento do padrão de vida das pessoas, beneficiando a moradia digna e tornando-a acessível à população como um todo.

“O poder público não teria interesse em subsidiar obras como essas? Ana Véliz responde que não e expõe as razões: o primeiro deles é o custo, alto para os padrões da administração local e central. A "pá de cal" é a disposição do Estado e prefeitura de somente construírem apartamentos de X m², com apenas X planta "o que é desumano", afirma, categórica, a arquiteta". AU, 2015

12. ATUALIZAÇÃO DO LAYOUT

Como analisado, o ser humano em sua busca pelo abrigo, apresenta a dinâmica familiar como um dos principais fatores direcionadores do comportamento residencial. Por isso a Arquitetura, tecnologia e vida privada, o número de componentes da família, a utilização dos ambientes, a faixa etária e econômica confluem e ditam o layout residencial (Zabalbeascoa, 2014).

Observa-se a adição de espaços, como a entrada do banheiro a residência, assim como o corrente declínio da lavanderia e “dependência/quarto de empregados”; igualmente, a vinculação de espaços antes segregados, como cozinha e sala de estar. Com o passar do tempo o foco da casa passou da sala de televisão para cozinha que abriu para a sala (cozinha americana) além da integração dos espaços como um todo.

Por isso a necessidade de um layout atualizado que comporte essas e futuras mudanças, sem limitar o espaço.

12.1. TIPOLOGIAS HABITACIONAIS

Objetiva-se expor as principais tipologias em construções, para concluir-se a mais eficiente, se enquadrando no conceito visado a ser empregada.

12.1.1. Casa geminada

Modelo inglês difundido no século XIX, sendo um dos maiores definidores da malha urbana londrina, tornou-se também a tipologia residencial predominante na cidade até os dias atuais. A tipologia é representada por casas geminadas estreitas, com três (ou mais) pavimentos.



Figura 21 - Exemplos de casas geminadas - Tradicional x Moderna. Fonte: Beth, 2010.

12.1.2. Bloco com uma caixa de escada para cada unidade

O modelo se inspira nas habitações sociais alemãs da década de 1920, as *siedlungs*. Foi o modelo mais frequente do início das habitações de interesse social no Brasil.



Figura 22 - Exemplos de Bloco com uma caixa de escada para cada unidade (Siedlungs) - Tradicional x Moderna. Fonte: Koury, Bonduki e Manoel, 2003.

12.1.3. Corredor coletivo

Com base na Unidade de Habitação de Marselha (1952), de Le Corbusier, os corredores e a disposição linear do apartamento permitem uma maior variação das

características do projeto de acordo com as necessidades em relação a outras tipologias.

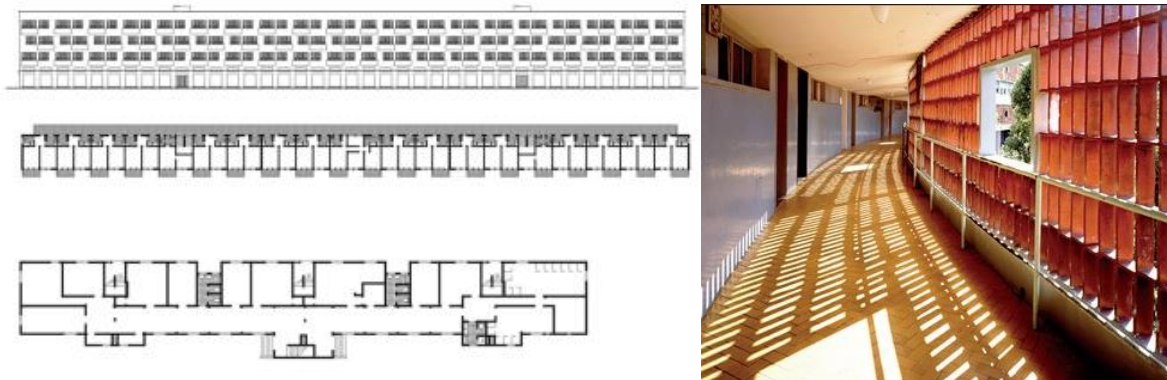


Figura 23 - Exemplos de corredor coletivo - Edifício Pedregulho. Fonte: Koury, Bonduki e Manoel, 2003.

12.1.4. Blocos em "H"

Possui um núcleo central de circulação vertical e a disposição dos cômodos de modo que os mais valorizados se opõe ao bloco de escadas e este serve para ventilação e iluminação das áreas de serviço. Após a implantação do Banco Nacional de Habitação (BNH), esse modelo foi amplamente difundido (Koury, Bonduki e Manoel, 2003).

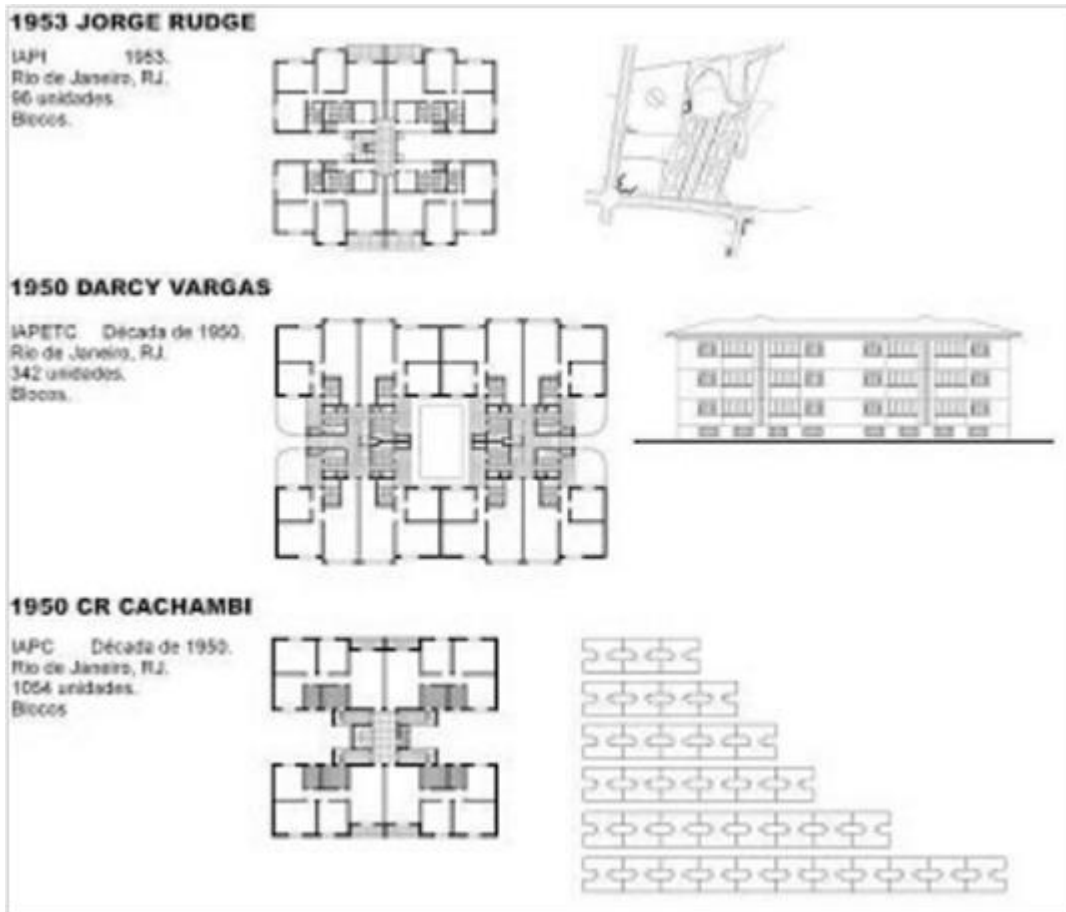


Figura 24 - Exemplos de Blocos em "H". Fonte: Koury, Bonduki e Manoel, 2003.

12.1.5. Blocos em "Y"

Este tipo, abrange superfícies livremente ensolarada e ventilada, bem como a economia de circulação vertical, pois uma caixa de escada pode atender até seis unidades sem necessidade de corredores internos.

TIPOLOGIA 5: uma caixa de escada para 6 unidades

1950 AREAL

IAPÍ 1950.
Eng. João Carlos Vital.
Rio de Janeiro, RJ.
600 unidades.
Bloco.



Figura 25 - Exemplos de Blocos em "Y". Fonte: Koury, Bonduki e Manoel, 2003.

12.1.6. Blocos com pátio central

Um modelo que pode ser associado à Hof vienenses, proposta habitacional que ganhou grande destaque no governo social democrata de Viena, entre 1919 e 1933. Caracteriza-se pelo pátio, servindo como prisma de ventilação e iluminação vertical.



Figura 26 - Exemplos de bloco com pátio central. Fonte: Koury, Bonduki e Manoel, 2003.

13. ANÁLISE DA CLASSE

A partir de critérios de renda são definidas, a partir da renda total mensal domiciliar, o IBGE ordena a sociedade em 5 classes, A, B, C, D e E. Em 2010 com base no índice de preços no consumidor: Classe E (R\$ 0- R\$ 839), Classe D (R\$ 840- R\$ 1.162), Classe C (R\$ 1.163-R\$ 5.017), Classe AB (mais de R\$ 5.018).

Contudo, dentro dos espaços da Classe C observa-se também uma grande diversidade social, o que poderia prefigurar o grande intervalo de renda ao qual corresponde esta categoria: em alguns deles ela convive com as classes superiores e se beneficia de um bom acesso aos recursos urbanos.

A supremacia da classe C

Segundo a FGV, a pobreza despencou desde 2002. Com isso, o miolo da pirâmide engordou e agora é maioria absoluta

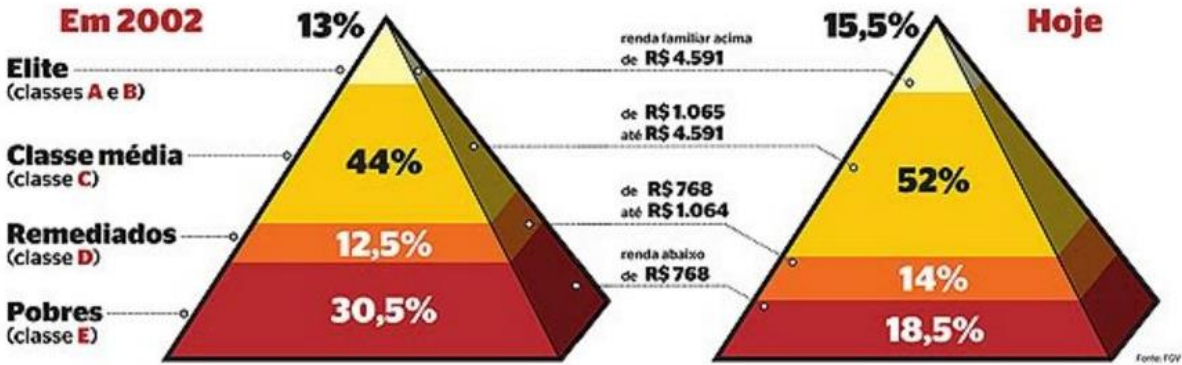


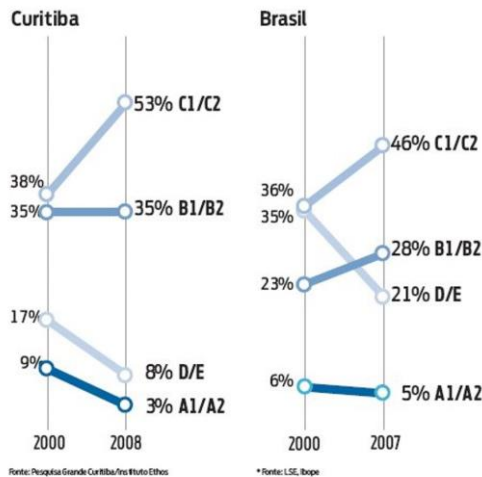
Figura 27: Supremacia Classe C. Fonte: FGV, 2014

13.1. Classe C em Curitiba

Classe média representa mais de 50% da população da capital. Na Grande Curitiba, 55% fazem parte da classe C e apenas 9% das classes D/E.

CLASSES SOCIOECONÔMICAS

Comparação entre curitibanos e brasileiros comprova o crescimento da classe média.



CRITÉRIOS

Um dos parâmetros que define as classes socioeconômicas é a renda média familiar. O Instituto Ethos usou a seguinte tabela do Levantamento Socioeconômico (LSE), do Ibope:

Classe	Renda média familiar*
A1	R\$ 14.250
A2	R\$ 7.557
B1	R\$ 3.944
B2	R\$ 2.256
C1	R\$ 1.318
C2	R\$ 861
D	R\$ 573
E	R\$ 329

Outros itens levados em consideração para a classificação socioeconômica são:

- O grau de instrução do chefe da família.
- A presença e o número de televisores em cores, rádios, banheiros, automóveis.
- Se tem empregada mensalista, máquina de lavar, videocassete e/ou DVD, geladeira, freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex).

* Valores brutos de 2007.

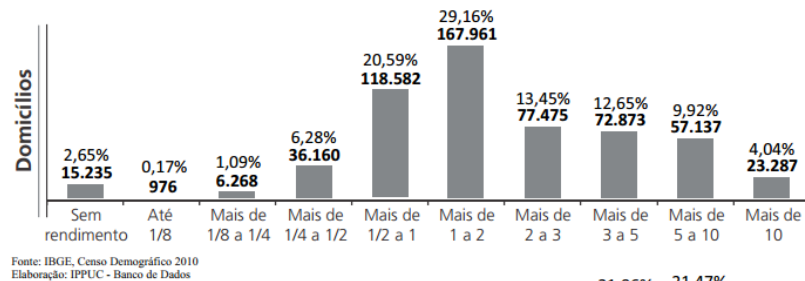
Tabela 1: Crescimento da classe média curitibana comparada ao Brasil. Fonte: Exame, 2009.

Embora a Classe C seja distribuída de forma bastante homogênea em todo o espaço metropolitano, é possível identificar lugares típicos desta camada como bairros tangenciais ao centro.

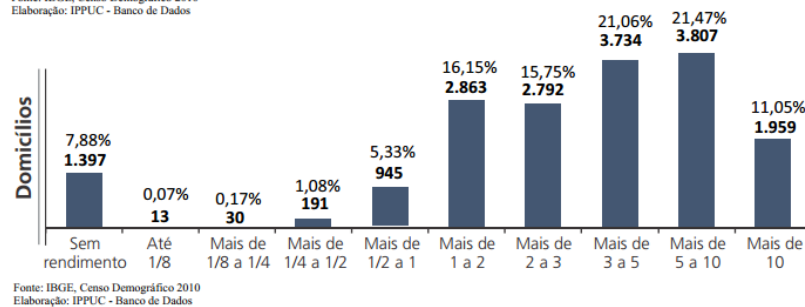
RENDA

Domicílios⁴ por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos⁵ (SM)

Curitiba



Centro



Valor do rendimento médio e mediano mensal

Localidade Rendimento (Reais)	Domicílios		Pessoas com 10 anos ou mais de idade	
	Médio	Mediano	Médio	Mediano
Curitiba	3.774,19	2.300,00	1.424,60	700,00
Centro	4.688,24	3.000,00	2.392,70	1.300,00

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010
Elaboração: IPPUC - Banco de Dados

⁴ domicílios particulares permanentes.
⁵ salário mínimo utilizado R\$ 510,00.

Tabela 2: Análise comparativa da faixa de distribuição de renda Curitiba x Centro. Fonte: IPPUC, 2015

13.2 GERAÇÃO Y

A geração representa os nascidos de 1978 ao começo dos anos 2000, foram a primeira geração a chegar fase adulta no novo milênio. Eles cresceram recebendo grandes quantidades de informações e imagens. Para os Millennials barreiras geográficas, diferenças etárias ou socioeconômicas perderam importância. Para Hernandez, 2011, essa é uma geração onde preconceitos sociais foram diluídos e padrões igualitários são mais evidentes do que nas demais. Segundo o autor, os

jovens não se importam em adoção temporária de cargos, que as gerações anteriores não ocupariam, para alcançar objetivos, tanto pessoais, como financeiros. Trabalhos em cafés, bares, cuidadores de crianças e animais fazem parte do free-lance deles com orgulho. Também há uma intensa valorização do espaço comum e coworking para trabalho.

Com toda essa informação e visão abrangente, compartilham uma sensação de que fizeram parte de diversos momentos anteriores ao seu nascimento Além de que compartilham com as gerações anteriores a sensação de que no passado as coisas eram mais confiáveis. O 'retrô' traz consigo um aspecto 'cool', pois está vinculado com cargas históricas e de autenticidade. Assim, essas duas qualidades são atraentes a essa geração que está em busca de identidade própria (Hernandez,2011). Segundo Lowenthal (1985) a nostalgia é o ato de lembrar-se do passado ou a crença de que os anos ou décadas passadas eram melhores e tinham um padrão de vida mais alto (Havlena; Holak, 1991).

Por outro lado, também há similaridades encontraram entre as gerações anteriores e os Y(...): a ambição por qualidade de vida, a necessidade de horários flexíveis e de independência, a visão crítica sobre vários aspectos do mundo corporativo, além do ceticismo em relação a ambientes de trabalho formais e opressores (Veloso, 2012).

*Regiões Sul e sudeste concentram 84% dos Millennials.



Figura 27 - Esquema Geração Colaborativa. Fonte: Karkle, 2018.

14. ESTUDOS DE CASOS

Analisa-se três referências, que embasam a ideia e conceituação estrutural do projeto pretendido.

14.1. VitraHaus - Home Collection

Dedicados exclusivamente ao mundo da arquitetura e do design, o campus da Vitra, em Weil am Rhein, região da Alemanha, faz fronteira com a Suíça e está próxima à Basileia, é um complexo de fábricas de objetos e móveis de design. O museu é a atração arquitetônica, possui uma das maiores coleções de objetos de design do mundo, reunidos no Vitra Design Museum.

Com uma área de 240 mil m², conta com edificações assinadas por Frank Gehry, Tadao Ando, Zaha Hadid, Álvaro Siza, Jean Pruvé, Nicholas Grimshaw e Buckminster Fuller.



Figura 29 - Home Collection. Fonte: Archdaily, 2011.

14.1.1. O Projeto

O prédio que abriga o Home Collection, projetado por Jacques Herzog e Pierre Meuron. A edificação reproduz 12 projeções de casas dispostas uma sobre as outras. A composição tem 57 m de comprimento, 54 m de largura e 21,3 m de altura e

expondo as mudanças arquitetônicas, como também do mobiliário exposto no espaço interno.

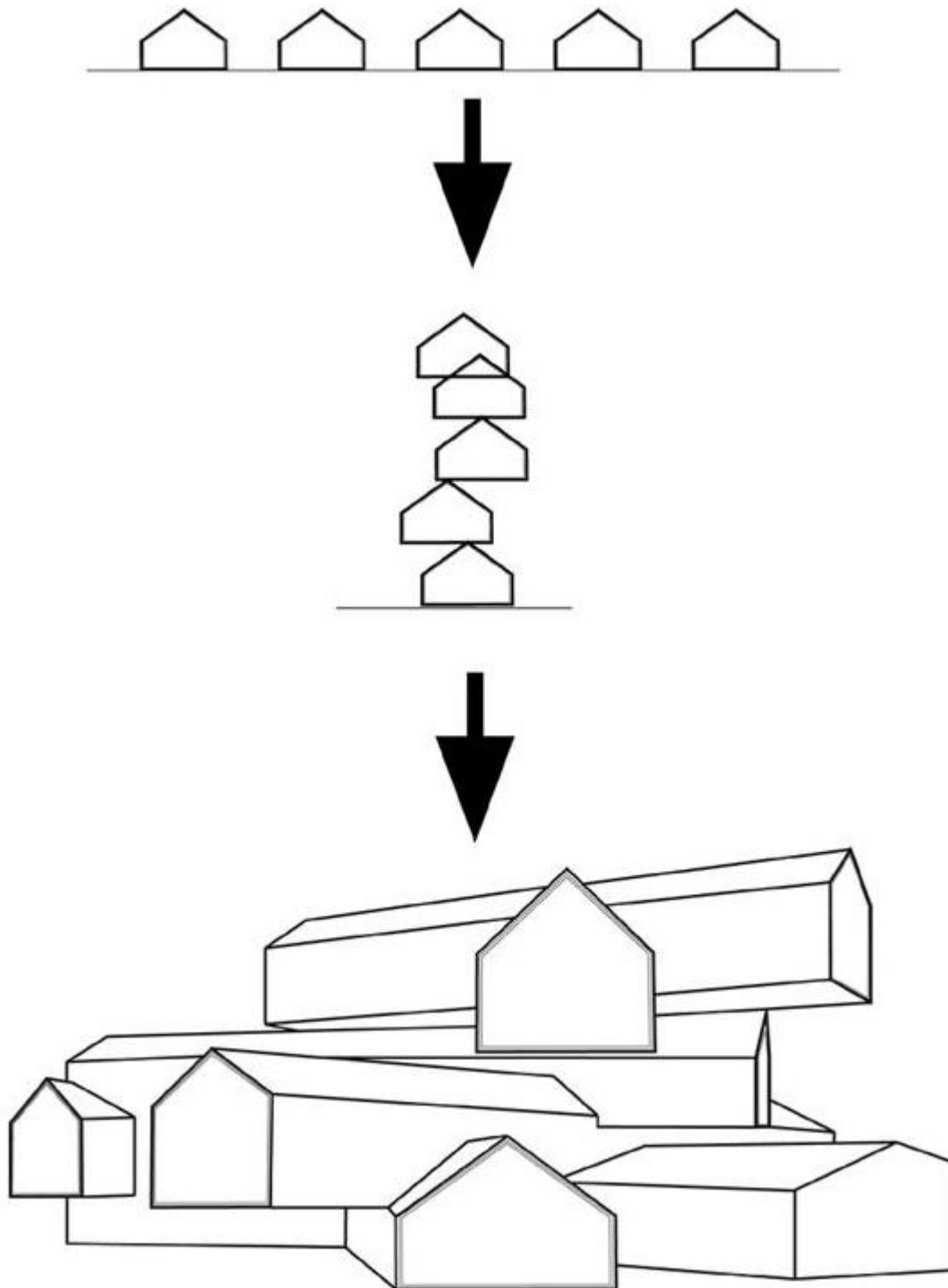
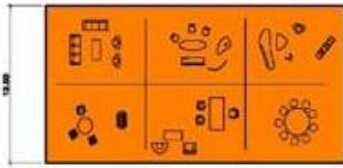
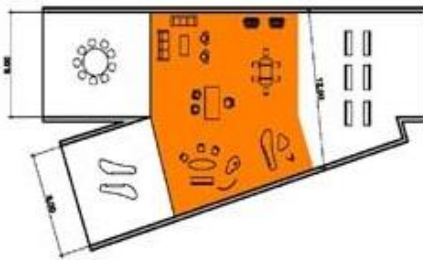


Figura 30 - Diagrama elaboração - VitraHaus. Fonte: Arcspace, 2010.

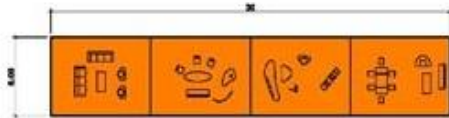
1 Grossraum à 200m2



1 Verschneidung à 200m2



1 Bar à 4 Living Rooms



+1 Bar à 4 Living Rooms?

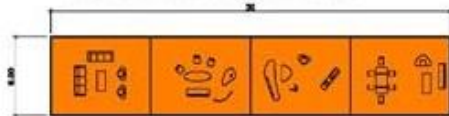


Figura 31 - Módulos - VitraHaus. Fonte: Archdaily, 2011.

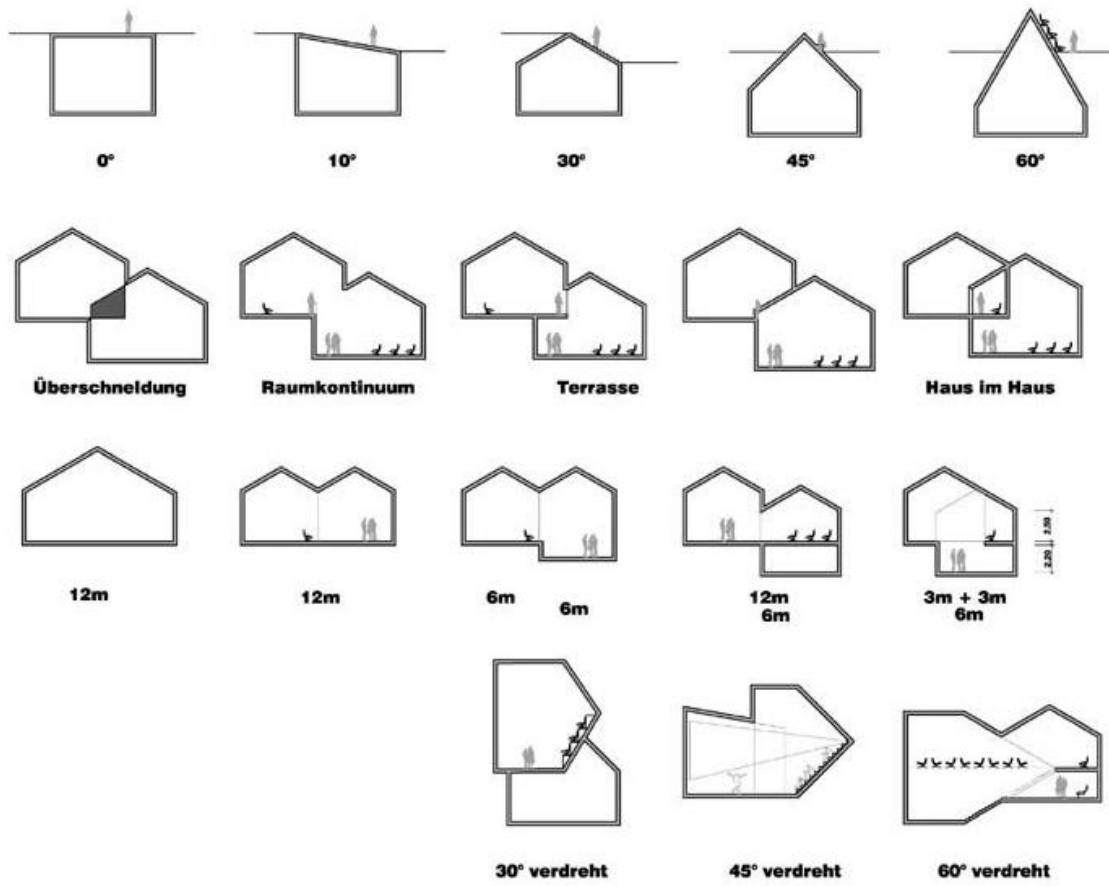
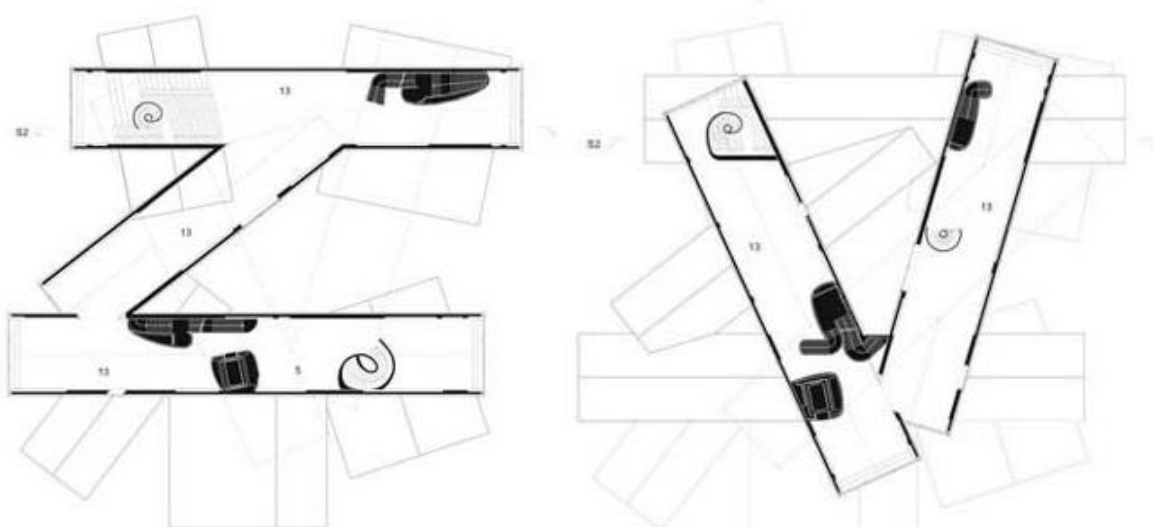


Figura 32 - Esquema de cortes - VitraHaus. Fonte: Archdaily, 2011.



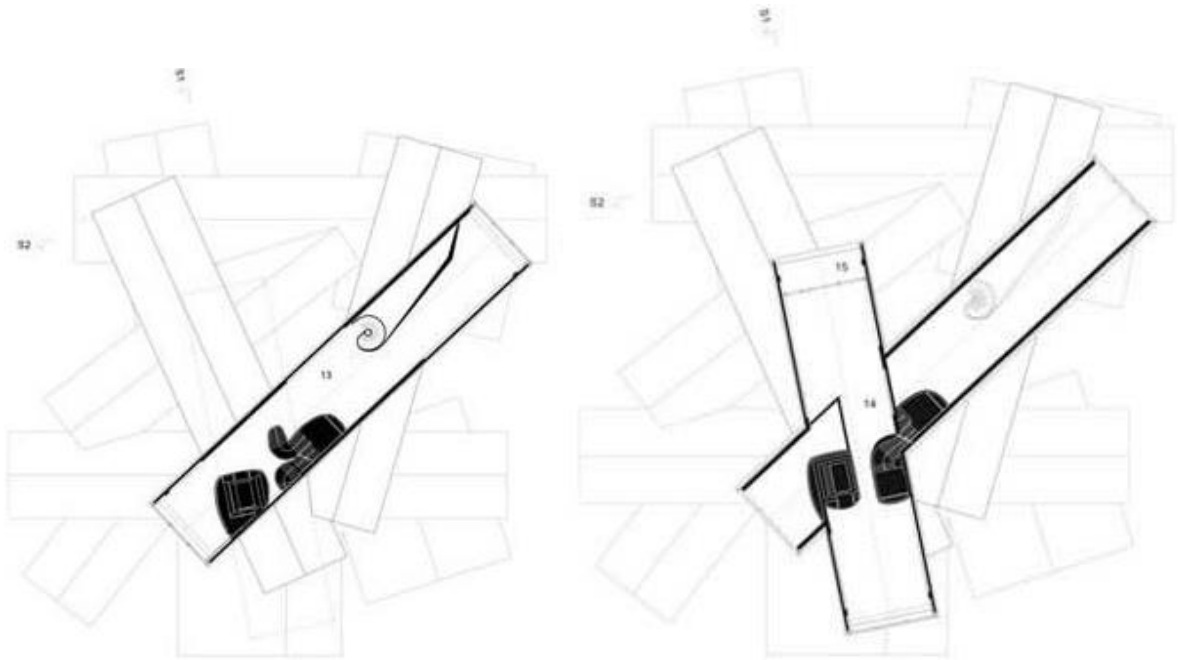


Figura 33 - Plantas esquemáticas - VitraHaus. Fonte: Arcspace, 2010

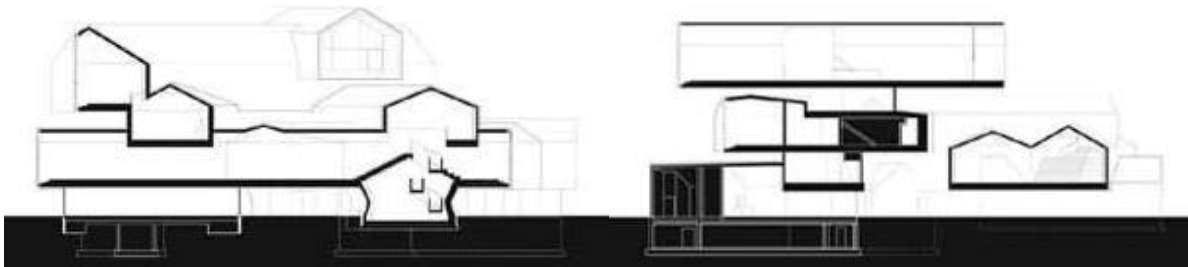


Figura 34 - Cortes esquemáticos - VitraHaus. Fonte: Arcspace, 2010



Figuras 35 e 36 - Áreas externas - VitraHaus. Fonte: Arcspace, 2010



Figuras 37 e 38 - Áreas internas - VitraHaus. Fonte: Arcspace, 2010





Figuras 39 - Fachadas - VitraHaus. Fonte: Archdaily, 2011.

14.1.2. Considerações

“Just as interior and exterior spaces interpenetrate, so do two types of forms: the orthogonal-polygonal, as perceived from the exterior, and the organic, which produces a series of spatial surprises in the interior, a "secret world" with a suggestive, almost labyrinthine character.” Herzog & Meuron, 2011

É um conceito contemporâneo desenvolvido visando expor os móveis nos espaços da casa. Mesmo tendo um intuito diferente do proposto por esse trabalho, o modo como as casas são empilhadas servem de base para demonstração da possibilidade, bem como repara-se na produção de espaços agradáveis e integrados

14.2. Complexo Habitat 67

O projeto Expo 67 deveria acontecer em Moscou com para comemorar os 50 anos da pós-Revolução Russa, no entanto a Rússia cancelou, passando ao Canadá o direito de sediar a exposição. Porém, o país não acredita que a exposição pudesse ser realizada devido ao curto prazo. Mas o projeto foi realizado em Montreal, foi realizado numa península criada que leva o nome de Cite Du Havre. O Habitat 67, projetado por Moshe Safdie em parceria com a McGill University. Sendo elaborada com o propósito de ser uma residência temporária (Archdaily, 2012).

Esse complexo residencial se tornou um lugar para 148 famílias, que fizeram dos cubos pré-moldados seus lares. Essa comunidade ficou conhecida em todo o Canadá por seu estilo e qualidade de vida. O cubo é a forma geométrica que compõem o Habitat 67.



Figura 40 - Habitat 67. Fonte: Archdaily, 2012

14.2.1. O Projeto

Em sua forma, busca um sentido material por meio do cubo, apresentado como o símbolo da estabilidade. Já seu significado apontam para o místico, simboliza a sabedoria, a verdade, a perfeição e a moral. Os 354 cubos foram erguidos para a

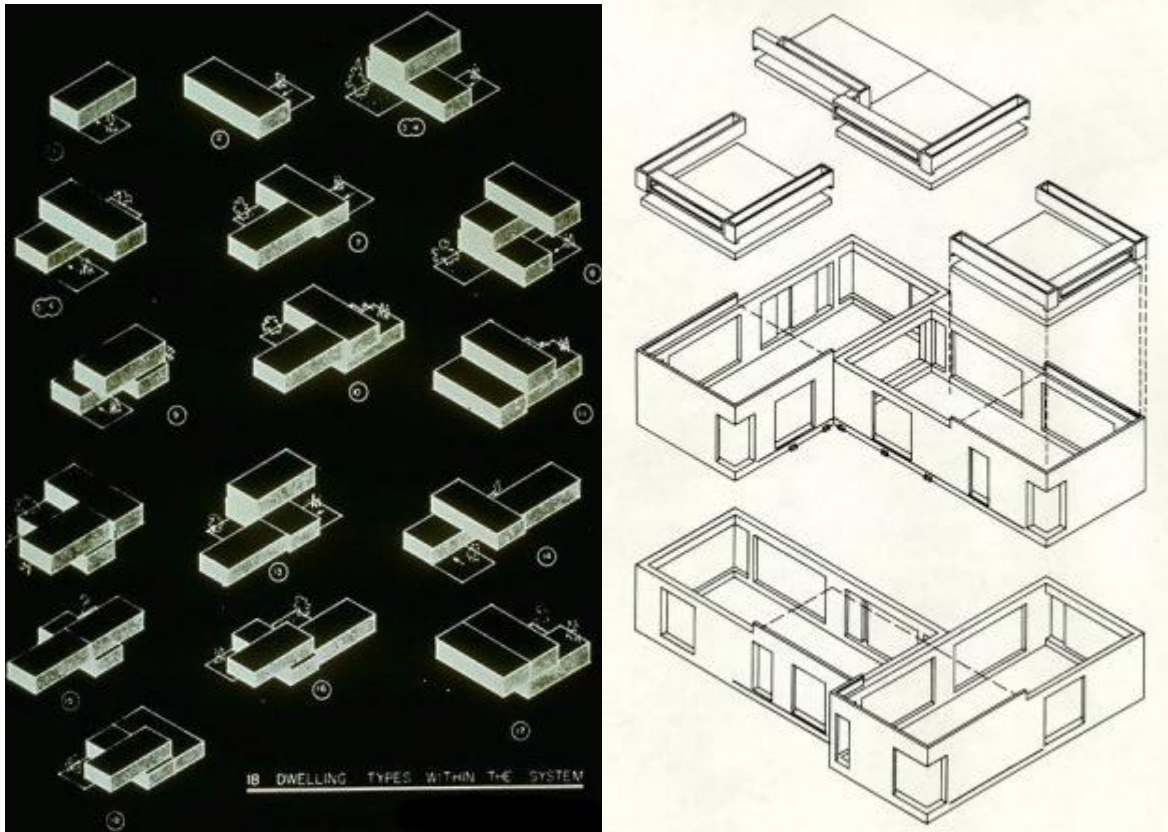
construção de 148 residências. O conjunto se une em uma gigantesca escultura, de interiores futurísticos, ruas de pedestres e terraços suspensos, clarabóias de diversos ângulos, grandes praças e aberturas.

As diferentes vistas dependem do ângulo, grandes praças, monumentais torres de elevadores e distribuídos em doze pavimentos.



Figura 41 - Habitat 67 - panorâmico. Fonte: Archdaily, 2012

O projeto consta com 15 modelos variando de 1 a 8 cubos; vistas dispostas em três lados e terraços ajardinados; áreas que variam de 60 a 460m², dispostas no 1º, 2º, 3º ou 4º pavimento; terraços privados de 20 a 90 m²; possibilidade de adicionar um solário; seis elevadores; passeios em vários níveis que dão acesso às residências; aquecimento central e condicionamento de ar e excelente isolamento acústico; materialidade e estrutura em concreto; implantação no terreno: isolado.



Figuras 42 e 43 - Unidades e montagem - Habitat 67. Fonte: Archdaily, 2012



Figura 44 - Exemplo planta dúplex - Habitat 67. Fonte: Archdaily, 2012

Tem-se 354 módulos de 5,3 x 11 x 3 metros foram agrupados formando 18 tipos de layout que deram vida a uma complexa montanha de 158 residências.



Figura 45 - Corredores e circulação vertical. Fonte: Archdaily, 2012



Figura 46 - Jardins familiares. Fonte: Archdaily, 2012



Figura 47 - Interiores. Fonte: Archdaily, 2012

14.2.2. Considerações

Assemelha-se em conceito e soluções da habitação entendida e buscada ao longo deste estudo. Seu notório interesse pelo morador e sua memória coletiva são vistos na tentativa de dar a cada casa um jardim a céu aberto, e um central para a comunidade. Igualmente, traz o nível da rua vida, não sombreando o espaço público. Também, por meio da irregularidade dos volumes, traz mais luz e áreas ao céu aberto para as residências, enfatizando o conforto.

“Mostra que é possível construir casas, edifícios, escolas, etc, com o mesmo tipo de método construtivo, técnicas e economia. Os banheiros, cozinhas e seus respectivos móveis e tubulações foram todos desenvolvidos e pré-fabricados no local da obra. Para que as caixas de concreto pré-moldado fossem dispostas uma em cima da outra foi preciso desenvolver um guindaste para transportá-las adequadamente, chegando até o décimo segundo andar, otimizando o tempo de construção. Moshe Safdie declara que os métodos utilizadas na construção de automóveis também podem ser usados em habitações” Passold, 2012

14.3. Casas em Santorini, Grécia

Santorini é uma ilha vulcânica, sobre a caldeira do vulcão e têm estilo cicládico, encaixado em alguns nichos da rocha. O local foi construído na cor branca, o que contrasta com o preto das pedras vulcânicas e com as águas do mar de um azul profundo.



Figura 48 - Casas Santorini. Fonte: Casa Vogue, 2016

Os estilos regionais arquitetônicos são bem marcados, como os telhados inclinados das montanhas Arcadian e os ondulados da Cíclades. Até recentemente, muitas das moradias eram pequenas e construída pelos próprios proprietários, de tijolos de lama, pedra e telha cerâmica. Mas nos últimos cinquenta anos, o uso de materiais industriais e a construção de moradias mais elaboradas tem aumentado no contexto. Os movimentos arquitetônicos internacionais também têm influenciado.

Em sua maior parte ainda são caracterizados por casas unifamiliares, e as famílias tendem a comprar ou remodelar casas somente depois de economizar os fundos necessários para fazê-la. As casas são consideradas espaços familiares privados, essas casas unifamiliares muitas vezes contêm pátios murados e varandas de tenda.



Figuras 49, 50 e 51 - Casa em Santorini. Fonte: Casa Vogue, 2016

14.3.1. Considerações

Os diferentes grupos que escolheram a ilha como lar, tornaram a paisagem dinâmica e pessoal. Transmitindo leveza, suavidade, respeito e dialoga com a paisagem. Vemos também, diversos conceitos projetuais e culturais, sendo uma inspiração para o projeto final. Assim como o ideal não se prende a uma forma e busca a interação e satisfação do morador. O principal ponto é esse apego e desenvolvimento do espaço como casas unifamiliares.

15. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

A escolha dos estudos de caso se deu de modo a trazer exemplos de diferentes realidades, com aspectos únicos e que se completassem no projeto a ser elaborado. Os três exemplos são casos interessantes e têm em comum a preocupação com a linguagem visual e ideal de casa.

Mais do que qualquer outro exemplo, a questão do lar é histórica e precisa ser revivida, trazendo características marcantes e retorno ao empreendimento como os exemplos mencionados. Pois, a busca pelo conceito de conforto, só será percebido realmente, quando e onde surgir a necessidade.

A proposta desta pesquisa é criar um edifício que reviva o conceito de casa como lar, transmita o conforto, insira a coletividade aos moradores, sendo um marco conceitual nas habitações para os millennials. Uma edificação colaborativa e não apenas um edifício residencial.

Em conclusão, as construções estudadas, em conjunto, direcionam para uma nova experiência ao seu morador. Assim como a proposta visada pelo presente trabalho, a implementação do lar como o interação colaborativa.

16. LOCALIDADE

“[a arquitetura] possui o monopólio do espaço. Apenas a arquitetura, entre todas as artes, é capaz de dar ao espaço seu pleno valor. Ela pode nos rodear de um vazio de três dimensões e o prazer que dela se consegue extrair é um dom que só a arquitetura pode nos dar.” Scott, 1970

Segundo Rem Koolhaas e Peter Eisenman (2014) entender o lugar da inserção do projeto é fundamental, pois “nós como arquitetos não podemos ser cidadãos globais”, mas para elaborarmos um programa devemos ter vínculo com o lugar da implantação (pág. 37). Desta maneira, o bairro Água Verde, próximo ao centro da cidade de Curitiba e com histórico habitacional de ocupação pela classe média é o local que atende tanto a esse requisito como os almejados conceitualmente e projetualmente.

17. ÁREA DE INTERVENÇÃO



Figura 52 - Mapa de Curitiba - Água Verde. Fonte: IPPUC, 2015

17.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

O bairro recebe o nome, pois antigamente ocupado por chácaras e fazendas, abastecidos por um rio de coloração esverdeado, devido a vegetação acumulada nas margens e leito. Povoador pela antiga colônia Dantas, em 1878, formada por colonos

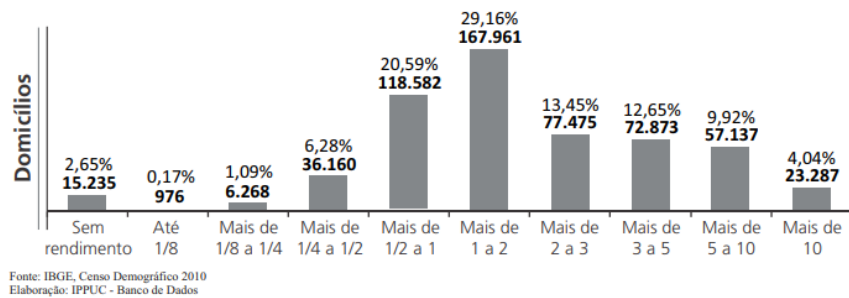
italianos que receberam os lotes por cartas de aforamento.

Área de lavoura e praticava-se também a criação de gado leiteiro com o fornecimento de leite para o centro de Curitiba. A indústria do tipo artesanal era composta principalmente por barracarias que se concentravam ao longo da antiga estrada do Portão (atual Avenida República Argentina) (IPPUC, 2015).

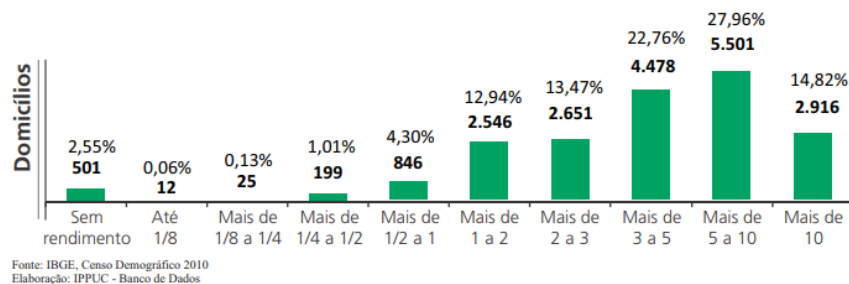
Apresenta uma população residente no bairro de 22.232 habitantes (IPPUC, 2015). Sua maior parte é composta por mulheres, representando 54,83% do total. A população é majoritariamente ativa, sendo grande parte entre 20 e 39 anos. As crianças e idosos configuram a minoria na pirâmide etária.

E o fator de renda média por habitante excede a média curitibana, apresentando 3.168,69 reais, uma vez que a cidade equivale à 1.424,60 reais.

Curitiba



Água Verde



Valor do rendimento médio e mediano mensal

Localidade Rendimento (Reais)	Domicílios		Pessoas com 10 anos ou mais de idade	
	Médio	Mediano	Médio	Mediano
Curitiba	3.774,19	2.300,00	1.424,60	700,00
Água Verde	7.594,54	5.000,00	3.168,69	1.500,00

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010
Elaboração: IPPUC - Banco de Dados

Tabela 3: Rendimento médio - Curitiba x Água Verde. Fonte: IPPUC, 2015.

Nos quesito de habitação, não apresenta nenhuma área de ocupação irregular e conta com com densidade 2,31 habitantes/domicílio. Totalizando 22.232 unidades de domicílio (IPPUC, 2015).

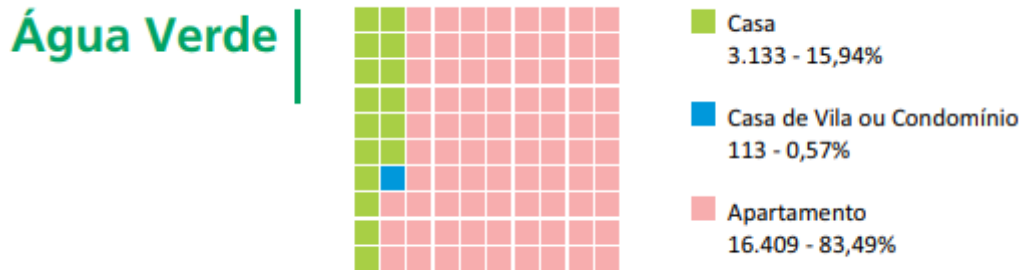


Tabela 4: Tipo de domicílio. Fonte: IPPUC, 2015.

Também apresenta uma ótima infra estrutura, facilidade de acesso, áreas verdes e alguns equipamentos urbanos.

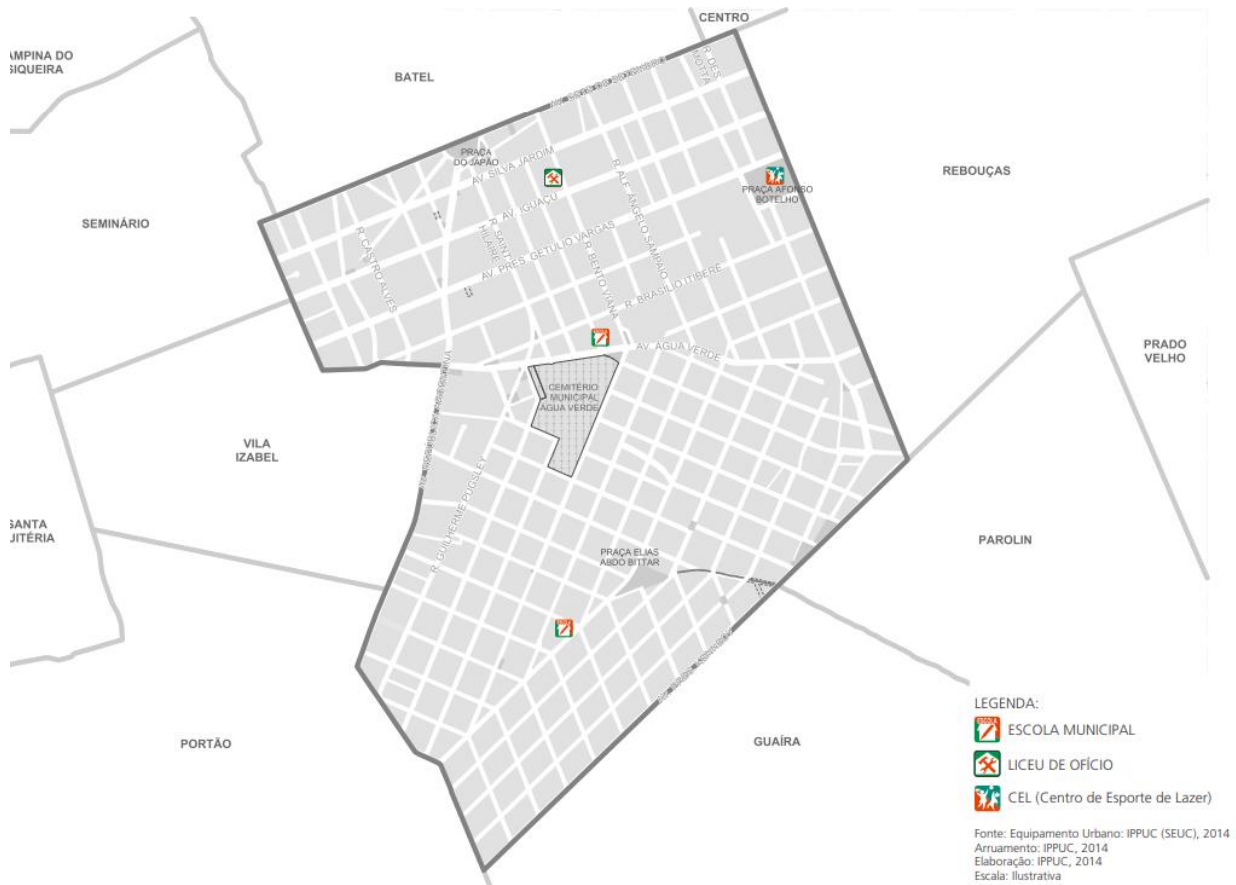


Figura 53 - Mapa dos equipamentos. Fonte: IPPUC, 2015

17.2. ESCOLHA DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

Como apresentado, os felizardos moradores vivem em uma região dotada de todas as facilidades no entorno. Isso significa dispor de serviços essenciais, como transporte público, hospitais e escolas, além do necessário lazer, tudo praticamente na porta de casa.

Por isso, além do conceito visado, a definição do terreno também considerou o estudo da região de entorno. E para a definição foram levados em consideração terrenos sem uso e sem construções existentes.

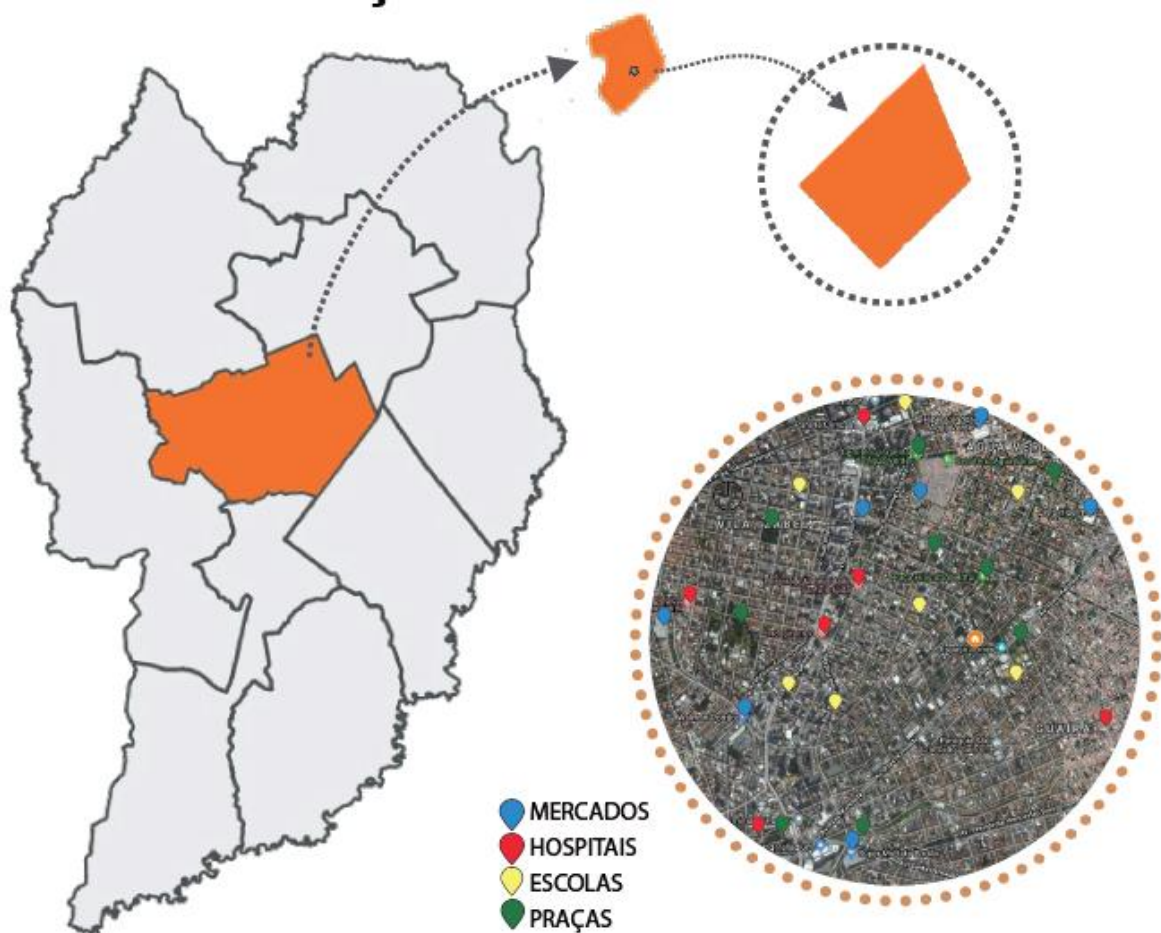


Figura 54 - Mapa do terreno. Fonte: IPPUC(modificado)/ MAPS(modificado), 2018

O terreno é localizado na esquina das ruas Pará com a José Eugênio de Souza, Água Verde, Curitiba - PR, e possui 2580,98m² de área, em uma região com pouco fluxo de pedestres e veículos, sendo residencial.

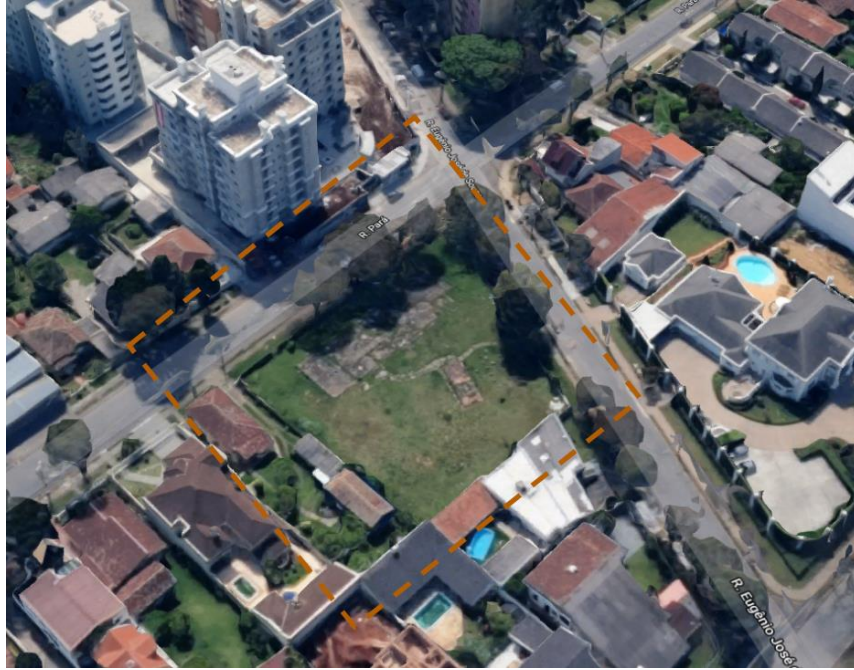


Figura 55 – Localização do terreno. Fonte: Karkle, 2016.

17.2.1. Análise do Entorno

O entorno imediato é composto por habitações unifamiliares, alguns espaços públicos, como os parques; restaurantes, bares e cafés. Também contando com proximidade a Avenida Presidente Kennedy e República Argentina.



Figura 56 – Terreno e entorno. Fonte: Karkle, 2016.

Nota-se que os usos dos edifícios são em maior parte residenciais, mas também é há usos comerciais ao longo das principais vias, como a avenida Kennedy, apresentando muitos de uso misto, de escritórios, espaços culturais e áreas públicas.

QUADRO V
ZONA RESIDENCIAL 3 – ZR-3
PARÂMETROS DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

USOS			OCUPAÇÃO							
PERMITIDOS	TOLERADOS	PERMISSÍVEIS	PORTE (m ²)	COEFIC. APROV.	TAXA OCU. MÁX. (%)	ALTURA MÁXIMA (PAV.)	RECUDO MÍN. ALIN. PREDIAL (m)	TAXA PERMEAB. MÍN. (%)	AFAST. DAS DIVISAS (m)	LOTE MÍN. (Área x Área)
- Habitação Unifamiliar (1) - Habitações Unifamiliares em Série (1) - Habitação Coletiva - Habitação Institucional				1	50%	3 (2)	5m		Até 2 pav. = Facultado Para 3 pav. = mínimo de 2,00m (5)	12000
- Comércio e Serviço Vicinal 1 e 2 (2) (3)			100m ²							
- Indústria Tipo 1 (4)	- Comunitário 1 (3) (4)		100m ²	-	-	-	-	-	-	-

Observações:

- (1) Densidade máxima de 80 habitações/ha, sendo admitido 3 habitações para lotes com 360m².
- (2) Para Comércio e Serviço Vicinal, altura máxima de 2 pavimentos.
- (3) A critério do Conselho Municipal de Urbanismo – CMU, poderá ser concedido alvará de localização para Comércio e Serviço Vicinal 1 e 2 e Comunitário 1 em edificações existentes com porte superior a 100,00m², desde que com área de estacionamento de no mínimo igual a área construída e porte compatível com a vizinhança e características da via.
- (4) Somente alvará de localização em edificações existentes ou anexas à moradia.
- (5) Para Habitação Institucional, o afastamento mínimo das divisas deve ser 2,50m.

Tabela 7: Parâmetros de uso e ocupação de solo da Zona Residencial 3. Fonte: Curitiba, 2000.

18. DIRETRIZES PROJETUAIS

A partir do estudo teórico realizado, apontam-se as seguintes diretrizes que atenderiam o projeto arquitetônico:

1. O espaço da habitação deve parecer aberto e dialogando com a rua.
2. A habitação não deveria ser nem muito grande, nem muito pequena, mas o suficiente para ser preenchido pelas pessoas que o habitam com suas vidas. A verdadeira habitação “*não foi criada artificialmente, mas cresceu progressivamente e tem parte na segurança passada do lento amadurecer*”.
3. Os espaços comuns visam conectar os moradores em suas atividades e coworking.
4. Residências familiares. “*A habitação de um solteiro poderia nos parecer pouquíssimo habitável, e um viúvo nunca será capaz [...] de manter a habitabilidade,*

que lá antes reinou.[...] um local importante com clima de intimidade, que permanece aberto para um círculo pequeno de amigos simpatizantes e pessoas próximas” Bollnow, 1963.

5. O conforto é buscado através de esquadrias para um diálogo com o entorno.

6. A delimitação do público e privado será bem marcado.

7. O conceito “*Os olhos da rua*” (Jacobs, 1961) será implementado. As pessoas que utilizam o espaço público, exercem uma vigilância natural sobre ele.

8. A horizontalidade e alturas mínima para que as pessoas têm uma visão e sensação do conforto. “a visão para cima não é natural do ser humano. Isso impacta em como as pessoas percebem os edifícios ao seu redor”. Gehl, 2013.

9. Os cômodos foram planejados de acordo com a pesquisa levantada, segundo os principais cômodos para os Millennials, bem como a localidade.

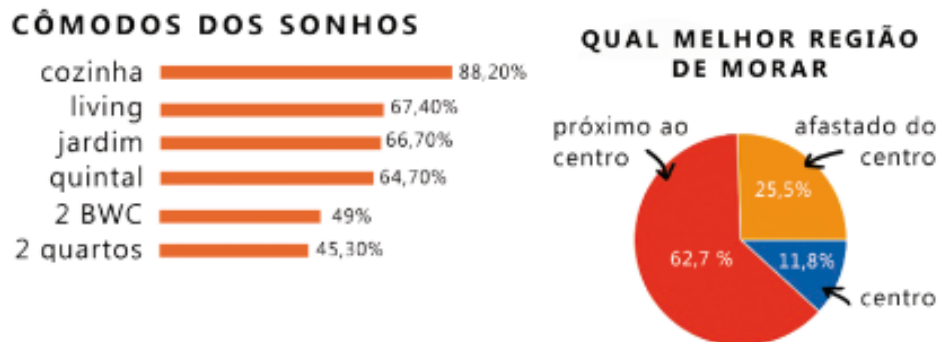


Figura 57 – Resultado pesquisa realizada. Fonte: Karkle, 2018.

busca conectar o edifício ao máximo com a região central, assim visa a um espaço de permanência e passagem dos usuários. Para essa conexão do quintal com a rua.

“arquitetura é uma arte aplicada e lida com a moldura da vida das pessoas, pois os edifícios emolduram nossas vidas.” Ralph Erskine

19. PROPOSTA

Por meio desta síntese histórica da habitação e da nova geração emergente, nota-se que a estrutura habitacional precisa ser revivida, trazendo características marcantes e retorno do vínculo com o lar. O projeto buscou reavivamento ao conceito de casa como lar, respeitar tanto a individualidade e a coletividade de uma geração “suficientemente autênticos para negar os valores das gerações anteriores” (Velo, 2012), o incentivo a colaboração por meio de espaços comuns e o espaço central como um espaço office, atendendo as demandas de coworking e estudos.

Para isso, os lares apresentam o living (ambiente de recepção e relação) como o ponto central do projeto, igualmente na implantação pensou-se no espaço comum como a centralização dos encontros e atividade.

SETORIZAÇÃO

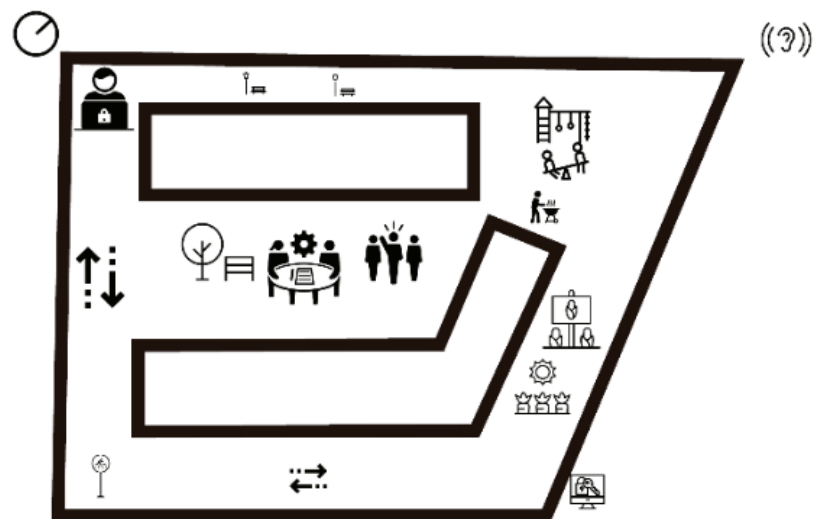


Figura 59 – Setorização proposta. Fonte: Karkle, 2018.

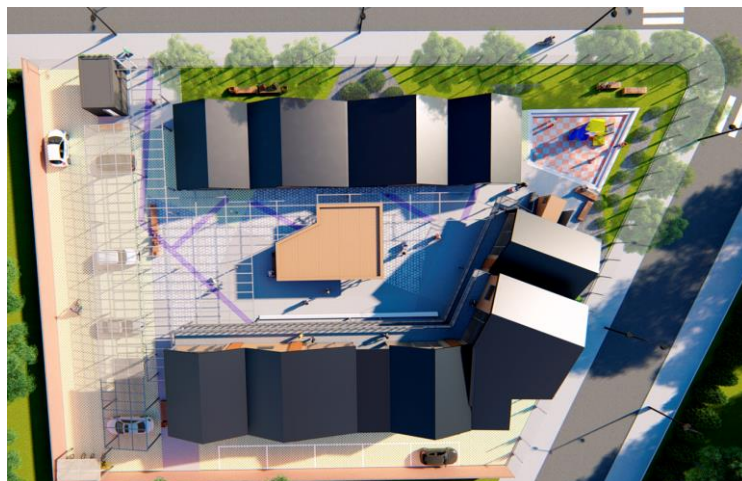




Figura 60;61;62 – Implantação; Fachada; Interno. Fonte: Karkle, 2018.

20. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se viu, o trabalho sintetizou o histórico do abrigo e suas relações com o conforto, visando a um melhor entendimento da realidade atual da questão da moradia. Buscou-se também estudar a realidade atual e as medidas que têm sido tomadas na implementação das habitações brasileiras, sendo a mentalidade difundida, a casa própria, independente de condições financeiras para o habitante e qualitativas da construção

Apesar do cenário, conclui-se que o ambiente da casa é, enfim, fonte de descanso, renovação, consolo, conforto. Justamente, é importante demais para continuar a ser de sub-importância e projetada sem uma conceituação e respeito aos moradores. Sendo também complexo demais para ser deixado de lado, e ao mesmo tempo exercem tanta influência na vida das pessoas que não o deveriam terceirizar por completo.

Dessa forma, considera-se o papel de arquiteto como de agente transformador do cenário, bem como do cuidado com o cliente, uma vez que o mesmo precisa conhecer suas memórias e definições de conforto para revelar ao arquiteto suas vontades mais íntimas. Assim, atende-se e vincula o lar ao seu habitante nas peculiaridades. Consequentemente, revive-se o prazer e aconchego habitacional.

Por fim, propõe-se chegar a um projeto arquitetônico de modelo habitacional que comporte as necessidades e peculiaridades da vida contemporânea da nova geração Y, especificamente, atualizando o layout e incentivando sua coletividade. Logo, a edificação será um edifício habitacional multifamiliar para os Millenials curitibanos.

21. REFERÊNCIAS

Archdaily, 2011. 'VitraHaus / Herzog & de Meuron'. Acesso em novembro de 2016. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/50533/vitrahaus-herzog-de-meuron>>

Archdaily, 2012. 'Clássicos da Arquitetura: Habitat 67 / Moshe Safdie'. Acesso em novembro de 2016. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-23132/classicos-da-arquitetura-habitat-67-moshe-safdie>>

Arcspace, 2010. 'Vitra Haus - Herzog & de Meuron'. Acesso em novembro de 2016. Disponível em: <<http://www.arcspace.com/features/herzog--de-meuron/vitra-haus/>>

Art. 1228 do atual Código Civil brasileiro.

Art. 1.196 do Código Civil brasileiro.

Alexander, C. et al, 1977. 'A Pattern language: Towns - Buildings - Construction'. Oxford University Press, New York. Acesso em outubro de 2016. Disponível em: <http://library.uniteddiversity.coop/Ecological_Building/A_Pattern_Language.pdf>

Aubert, Monica Marques, 2007. 'Psicologia Ambiental: Espaço construído e comportamento humano' <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/B000089.pdf>

Bachelard, Gastón, 1960. 'La poétique de l'espace', Paris, 1958, p. 60.

Barros, Raquel R.M.Paula, Pina, Silvia Mikami, Kowaltowski, Doris, C.C.K., Funari, Teresa B., Alves, Silvana; Teixeira, Carla e Costa, Angelina., 2005. 'Conforto e psicologia ambiental: a questão do espaço pessoal no projeto arquitetônico'. ENCAC - ELAC. Maceio, Alagoas, Brasil. Acesso em julho de 2016. Disponível em: <http://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/conforto_e_psicologia_ambiental_a_questo_do_espao.pdf>.

Barros R., Carvalho M., Franco S., Mendonça R., 2010. 'Determinantes da Queda na Desigualdade de Renda no Brasil'. IPEA, Texto para discussão nº 1460.

Beth, 2010. 'The Story of My House and Her Twin'. Acesso em outubro de 2016. Disponível em
<<http://www.homestoriesatoz.com/decorating/story-of-my-house-and-her-twin.html>>

Bollnow. Otto Friedrich, 1963. 'O homem e o espaço'. 1ª edição. Acesso em junho de 2016. Disponível em:
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.088/206>>

Broadbridge, A.; Maxwell, A.; Ogden. S., 2007. "Experiences, perceptions and expectations of retail employment for Generation Y". Career Development International. Reino Unido, v.12, n6.

Castells, M., 2006. "A sociedade em rede". São Paulo: Paz e Terra. 9ed.

Constantino, R., 2009. 'Minha casa, sua vida' Mises Brasil. Acessado em junho de 2016. Disponível em: <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=559>>

Curitiba, Prefeitura.,2000. M. DE. Decreto no 188 da Lei no 9.8000/00. v. 53, n. 9, p. 1689–1699.

Dicionário Aurélio, 2008-2016. 'Casa'. Acesso em julho de 2016. Disponível em:
<<https://dicionariodoaurelio.com/casa>>.

Dicionário Aurélio, 2008-2016. 'Conforto'. Acesso em julho de 2016. Disponível em:
<<https://dicionariodoaurelio.com/conforto>>.

Dicionário Aurélio, 2008-2016. 'Funcional'. Acesso em julho de 2016. Disponível em:<<https://dicionariodoaurelio.com/funcional>>

Dicionário Aurélio, 2008-2016. 'Memória'. Acesso em agosto de 2016. Disponível em:
<<https://dicionariodoaurelio.com/funcional>>.

Elias, J., 2007-2016. 'Dolmens and Menhirs / Antas e Menires'. Acessado em agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.flickrriver.com/photos/fotoelias/sets/72157624461828674/>>

Elmore, T.2010, "Generation iY:our last chance to save their future". Atlanta: Poet Garden.

IPEA, 2016. 'No Title' Estudo aponta redução no déficit habitacional no país. Acesso em junho de 2016. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20656>.

IPPUC., 2007. 'Plano Municipal de Regularização Fundiária em Áreas de Preservação Permanente'. Curitiba.

IPPUC, 2016. 'Mapas Temáticos'. Acesso agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/mostrarpagina.php?pagina=85&idioma=1&titulo=Mapas>>.

Folz, Rosana. R. e Martucci, Ricardo, 2013. 'Habitação Mínima : Discussão Do Padrão De Área Mínima Aplicado Em Unidades Habitacionais De Interesse Social'. Revista Tópos, v. 1, n.1, p. 23–40.

Good Ideas, 2014. 'Lofts'. 800 photographs. Editora Good Ideas. New York.

Hall, Stuart, 2004. 'A identidade cultural na pós-modernidade'. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A. Acesso em novembro de 2016. Disponível em: <http://faa.edu.br/portal/PDF/livros_eletronicos/psicologia/a_Identidade_Cultural_Da_Pos_Modernidade.pdf>

Hazan, Vera. M., 2016. 'O papel dos ícones da contemporaneidade na revitalização dos grandes centros urbanos'. Acesso em junho de 2016. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.041/645>>.

Koury , Bonduki e Manoel, 2003. 'Análise Tipológica da Produção de Habitação Econômica no Brasil (1930-1964)'. Acesso em novembro de 2016. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/115R.pdf>>

Lamberts, Roberto., Dutra, Luciano. e Pereira, Fernando O. R., 2013. 'Eficiência Energética na Arquitetura'. Procel - Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica. Eletrobras, 3 edição. Rio de Janeiro, RJ.

Ling, Anthony, 2010. 'Regulação, favelas e cápsulas'. Mises Brasil. Acessado em junho de 2016. Disponível em: <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=819>>

Mumford, Lewis, 1998. 'A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. 4ª edição, São Paulo: Editora Martins Fontes.

Noal, E. B. e Janczura, R, 2011. 'A Política Nacional de Habitação e a Oferta de Moradias'. Textos e Contextos, v. 10, n. 1, p. 157–169.

Pargendler, M. e Hansmann, H., 2014. "The Evolution of Shareholder Voting Rights: Separation of Ownership and Consumption. Fundação Getulio Vargas Law School at São Paulo; New York University School of Law. Yale Law Journal, Vol. 123, pp. 100-165, São Paulo. Acessado em agosto de 2016. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2219865>.

Passold, L., 2012. ' HABITAT'67'. ARQuitetônico beta. Acesso em novembro de 2016. Disponível em: <<http://portalarquitetonico.com.br/habitat-67/>>

Pires, Klauber C., 2011. 'Depois que a casa cai'. Mises Brasil. Acessado em junho de 2016. Disponível em:<<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=893>>

Pound, Ezra, 1934. 'Make it New: essays by Ezra'. A New directions book. London: Faber and Faber, September 1934. Special Collections PS3531 082 A16

Reisman, George., 2011. 'Todo o seu conforto você deve ao capitalismo e aos ricos'. Mises Brasil. Acessado em junho de 2016. Disponível em:<<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1139>>

Reed, Christopher, 2013. 'Not at Home: The Suppression of Domesticity in Modern Art and Architecture'. Published December 31st 1996 by Thames & Hudson.

Ribeiro L.C. e Ribeiro M. Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU). Rio de Janeiro, Letra Capital /Observatório das Metrôpoles, 2013.

Rolnik, Raquel, 1997. 'A Cidade e a Lei: Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo'. São Paulo: FAPESP/Studio Nobel.

Rossi, 2016. 'Cidade tem mais de 90% das ruas com cabos aparentes'. Acesso em: novembro de 2016. Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/rio/cidade-tem-mais-de-90-das-ruas-com-cabos-aparentes-nos-postes-15535703>>

Rybczynski, Witold, 1996. 'Casa a pequena história de uma ideia'.

Salata A. "Quem é Classe Média no Brasil? Um Estudo Sobre Identidades de Classe". In: XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, Salvador de Bahia, 2013.
DOI : 10.1590/00115258201540

Santoro, Bernardo, 2011. 'Por que não existe propriedade privada de imóveis no Brasil'. Mises Brasil. Acesso em: junho de 2016. Disponível em:
<<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=965>>

Scardua, Angelita Corrêa, 2009. 'Psicologia do Design de Interiores: O que faz de uma casa um lar?'. USP, São Paulo. Acesso em: Outubro de 2016. Disponível em:
<<https://angelitascardua.wordpress.com/2009/06/01/psicologia-do-design-de-interiores-o-que-faz-de-uma-casa-um-lar/>>

Scardua, Angelita Corrêa, 2011. 'A Casa e Seu Significado: Refúgio Para o Bem-Estar Físico e Emocional'. USP, São Paulo. Acesso em: Outubro de 2016. Disponível em: <<https://angelitascardua.wordpress.com/2011/08/02/a-casa-e-seu-significado-para-o-bem-estar-fisico-e-emocional/>>.

Schmid, Aloísio Leoni, 2005. 'A ideia de conforto: Reflexões sobre o ambiente construído'. Coleção Pesquisa, Curitiba, Pacto Ambiental, Editora: UFPR.

Scott, Geoffrey., 1970. 'Arquitectura del Humanismo'. Editora Barral. São Paulo.

Silva, Helga Santos da, 2009. 'O conforto na arquitetura moderna brasileira'. Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo, USP. São Paulo. Acesso em julho de 2016. Disponível em: <http://www.iau.usp.br/revista_risco/Risco10-pdf/02_art08_risco10.pdf> .

Silva, Vanessa. G. da., 2008. 'Indicadores de sustentabilidade de edifícios: estado da arte e desafios para desenvolvimento no Brasil'. Ambiente Construído, n. c, p. 47–66.

Sommer, R., 1969. 'Personal Space'. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.

Souza, Nelson R., 2011. 'Planejamento Urbano Em Curitiba : Saber técnico, classificação dos cidadãos e partilha da cidade'. Revista Sociologia Política, n. 16, p. 107–122.

Stroeter, João R., 1986. 'Arquitetura e Teorias'. Nobel. Acesso em novembro de 2016. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/37062366/TEXTOAFORMASEGUEAFUNO_20150224173419.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1479661464&Signature=vCbibNwHfaNpolx8upFLPgYlt44%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DARQUITETURA_TEORIAS_JOAO_RODOLFO_STROETE.pdf>.

Tuan, Yi-Fu., 1983. 'Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência'. São Paulo: DIFEL.

Ultramari, Clovis. e Moura, Rosa., 1994. 'Metrópole: Grande Curitiba: Teoria e Prática'. Curitiba: Santa Clara.

Upjohn, Everard M., Wingert, Paul S. e Mahler, Jane G., 1975. 'História mundial da arte I: da pré-história à Grécia antiga'. DIFEL, Círculo do livro. Oficinas gráficas da livraria Bertrand, S.A.R.L. São Paulo.

Varella, 2015. 'Poluição Visual Silenciosa Inaceitável'. Acesso em outubro de 2016. Disponível em:

<<http://deolhonailha-vix.blogspot.com.br/2015/03/poluicao-visual-silenciosa-inaceitavel.html>>

Varella, Juca, 2015. 'Olhares do Brasil: São Paulo pichado, por Juca Varella'. São Paulo. Acesso em novembro de 2016. Disponível em: <<http://fotospublicas.com/imagens-brasil/olhares-do-brasil-sao-paulo-pichado-por-juca-varella/>>.

Veloso. Elza Fátima Rosa, 2012. "É possível negar a existência da geração Y no Brasil?" Acesso em agosto de 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-92302012000400011&script=sci_arttext&tIng=es>.

Vetter D. e Massena, R, 1981. "Quem se apropria dos benefícios líquidos dos investimentos do Estado em infra-estrutura? Uma teoria da causação circular". In: Machado L. (Org.) Solo urbano: tópicos sobre o uso da terra. Rio de Janeiro, Zahar.

Villarroig. G.Roselló, e Diez, J.M. Marz, 1995. 'Introducción a la acústica arquitectónica'. Revista Tectonica, vol. 14: Acústica. ATC Ediciones, Madrid.

Warchavvik, Gregori, 2006. 'Arquitetura do Século XX e Outros Escritos'. São Paulo, Cosac & Naify.

Weintraub, Alan, 2013. 'OSCAR NIEMEYR – CASAS'. 1ªedição, Editora GG Brasi.

Wilheim, Jorge, 1976. 'O substantivo e o adjetivo'. São Paulo, Debates. Perspectiva, Ed da universidade de São Paulo.

Wilson, K. G., Hayes, S. C., & Gifford, E. V.,1997. 'Cognition in behavior therapy: Agreements and differences'. Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry, 28, 53-63.

Wong, M et al.,2008. "Generational differences in personality and motivation: do they exist and what are the implications for the workplace?". Jornal de Managerial Psychology. Ed 23, n8.

Zabalbeascoa, Anatxu., 2014. 'Tudo sobre a casa'. Editora Gustavo Gili

Zevi, Bruno, 1996. 'Saber ver a arquitetura'. (trad. Maria Isabel Gaspar; Gaetan Martins de Oliveira) 5a. Edição. São Paulo: Martins Fontes.

APÊNDICE A - PRANCHAS DO PROJETO

HABITAÇÕES COLABORATIVAS



CONCEITUAÇÃO

O conceito de casa é delimitado como o espaço unifamiliar. Sua tamanha importância se dá ao observar a habitação sendo considerada como a "terceira pele" do homem (a primeira é a epiderme e a segunda a roupa). Segundo o dicionário Aurélio "lar apresenta uma conotação mais sentimental. Como observado por Alba Magalhães (2014) as principais diferenças entre lar e casa "Casa é uma construção de cimento e tijolos. Lar é uma construção de valores e princípios".

Através da influência da nossa história e laços, observamos a casa como centro de referência para uma pessoa, sendo o espaço vivenciado - central. Da mesma forma, temos a geração Y, que cresceram nesse espaço, em uma década de valorização intensa da infância, com internet, computadores. Foram a primeira geração a chegar na fase adulta no novo milênio, por isso são conhecidos como os Millennials. Para nosso público as barreiras geográficas, diferenças etárias ou socioeconômicas perderam importância.

Os Millennials cresceram recebendo grandes quantidades de informações e imagens. Assim gerando a sensação de que fizeram parte de diversos momentos anteriores ao seu nascimento. Além de que compartilham com as gerações anteriores a sensação de que no passado as coisas eram mais confiáveis. O "retro" traz consigo um aspecto "cool", pois está vinculado com cargas históricas e de autenticidade. Assim, essas duas qualidades são atraentes a essa geração que está em busca de identidade própria (Hernandez, 2011).

Segundo Lowenthal (1985) a nostalgia é o ato de lembrar-se do passado ou a crença de que os anos ou décadas passadas eram melhores e tinham um padrão de vida mais alto (Havlena; Holak, 1991).

Assim, o projeto busca retomar esse conceito, oferecer um espaço onde os moradores tenham espaços comuns e hortas, perto da região central curitibana. Indo de encontro, a um projeto que atenda a demanda de moradias com layouts atualizados e adaptáveis às mudanças temporais e culturais.

Por meio do estudo sobre a moradia e sua evolução, entendemos a configuração residencial atual, juntamente com as necessidades reais e demandas dos moradores. Por isso, visa a atender e vincular o lar ao seu habitante. Consequentemente, reviver o prazer e aconchego habitacional. Ou seja, é um projeto multifamiliar que reviva a interação e a vizinhança de uma geração sem barreiras.

Para isso, como apresentado por Witold Rybczynski (1996) "os ideais arquitetônicos que me haviam ensinado na faculdade frequentemente desconsideravam [...] o conceito convencional dos meus clientes". Assim, a edificação reconstrói o conceito de lar, não apenas na esfera emocional, mas no vínculo visual e universal que temos com casa.

Segundo o arquiteto Arthur Casas, 2016, em sua palestra ministrada no CAU/PR, vivemos um contexto de arquitetura residencial que se encontra no limbo. Para ele o ideal de casas seria **nem condomínios ou casas isoladas - seria uma edificação que atenderia as necessidades habitacionais e de segurança da sociedade brasileira contemporânea.** O mesmo apresenta a ideia como um limite, visual, entre o agradável ao leigo e ao arquiteto, uma arquitetura que a primeira vista traga "estranheza".

Similarmente as classes altas (A/B) privilegiadas com arquitetura de qualidade e ou que agrada os moradores, igualmente as classes baixas (E/D) desfrutam de habitações populares premiadas em concursos arquitetônicos. Enquanto a classe média, a geração atual Y, é refém de um mercado imobiliário tendencioso, que desconsidera as necessidades dos habitantes, o conforto e a linguagem habitacional desejada.

"a casa vivenciada não é uma caixa sem vida. O espaço habitado transcende o espaço geométrico" Bachelard, 1960.

A casa representa as várias instâncias da mente, consciente e inconsciente. Nesse sentido, o lar, assim como a mente, expressa o conteúdo cognitivo e emocional que nos constitui como indivíduos distintos.

A sensação de conforto que se sente no retorno à casa é desencadeada por heranças emocionais, herdada dos ancestrais e preservada pelo nosso sistema límbico, a principal área do cérebro envolvida nas emoções e comportamentos necessários à sobrevivência (Scardua, 2009).

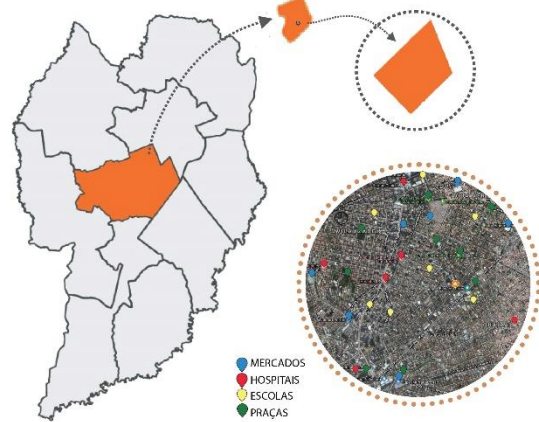
Desde o início de sua história a arquitetura surge como uma forma de possibilitar ao homem um habitat seguro e através do qual ele possa se defender também das hostilidades climáticas do meio. Sentir-se seguro no espaço que se reconhece como sendo próprio, ajuda a combater o estresse cotidiano, recuperando do desgaste diário que é exigido nos espaços e convívios públicos. Psicologicamente, estudos sobre os efeitos do ambiente na vida das pessoas, apontam sobre a importância e influência do lar como sendo desde aspectos genéticos, ligados à neurociência da percepção, até fatores subjetivos como as características de personalidade subsidiadas por formações inconscientes (Scardua, 2009).

Quanto a forma, para Stroeter (1986) o "bom desenho" é o da geometria das formas puras, do círculo, do cubo, da definição das arestas, e, principalmente, do modo como se relacionam, entre si e com o todo", e não um modismo passageiro. E para Sherr, 1986, "o consumidor experimenta uma ligação emocional com o produto que mostra a força do passado como atrativo".

Também a horizontalidade e alturas máximas são abordadas para que as pessoas tenham uma visão e sensação do conforto. "a visão para cima não é natural do ser humano. Isso impacta em como as pessoas percebem os edifícios ao seu redor". Gehl, 2013.

A questão do lar é histórica e precisa ser revivida, trazendo características marcantes e retorno do vínculo com o lar. O projeto traz o reavivamento ao conceito de casa como lar, transmite o respeito à individualidade e a coletividade de uma geração "suficientemente autênticos para negar os valores das gerações anteriores" (Velo, 2012), sendo um marco conceitual nas habitações curitibanas.

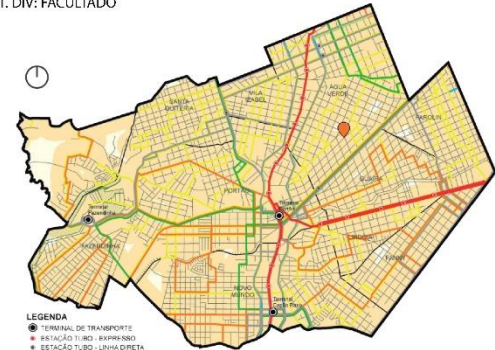
LOCALIZAÇÃO DO PROJETO



CARACTERÍSTICAS ÁGUA VERDE

ZR-3

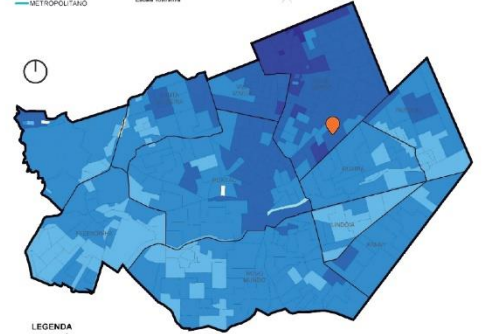
CA: 1
TO: 50%
H. máx.: 3 PAV.
AFAST. DIV: FACULTADO



LEGENDA

- TERMINAL DE TRANSPORTE
- ESTACÃO TUBO - EXPRESSO
- ESTACÃO TUBO - LINHA DIRETA
- EXPRESSO LIGERADO
- EXPRESSO
- LINHA DIRETA
- INTERDIRETOS
- ANILHADORES
- TROPICAL
- CONVENCIONAL
- CIRCULAR CENTRO
- RETICULADISSÍMILAR
- TURBADO
- METROPOLITANO
- ÁREAS URBANAS 200m
- REGIONAL PORTO
- DIVISÃO DE BARRIOS
- PANORAMA E BOSQUE
- LOCALIZAÇÃO DO TERRENO

Fonte: LUTRA, 2012
Elaboração: Setor de Planejamento Urbano
Estado Paranaense



LEGENDA

REFUGIO MEDIO

- Até 10 Hab/m²
- 1 - 3,0 Salas/m²
- Até 10 Salas/m²
- 1 - 10 Salas/m²
- Até 20 Salas/m²
- Até 25 Salas/m²
- Até 30 Salas/m²
- Até 35 Salas/m²
- Até 40 Salas/m²
- Até 45 Salas/m²
- Até 50 Salas/m²
- Até 55 Salas/m²
- Até 60 Salas/m²
- Até 65 Salas/m²
- Até 70 Salas/m²
- Até 75 Salas/m²
- Até 80 Salas/m²
- Até 85 Salas/m²
- Até 90 Salas/m²
- Até 95 Salas/m²
- Até 100 Salas/m²

LEGENDA

- REGIONAL PORTO
- DIVISÃO DE BARRIOS
- PANORAMA E BOSQUE
- LOCALIZAÇÃO DO TERRENO

Fonte: LUTRA, 2012
Elaboração: Setor de Planejamento Urbano
Estado Paranaense



FOTOS DO ENTORNO IMEDIATO



Esquina da R. Pará, vista ao terreno



R. Eugênio José de Souza, à esquerda o terreno



Vista a R. Pará



Visão do entorno R. Eugênio J Souza



CONCEITO FORMA

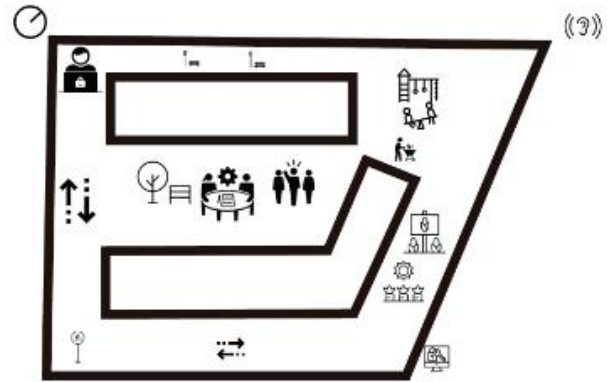
GERAÇÃO Y
 Nasceram em um período de prosperidade econômica e acompanharam a revolução tecnológica.
Foco
 Ambição por qualidade de vida, necessidade de horários flexíveis e de independência, visão crítica sobre vários aspectos do mundo corporativo.

Regiões Sul e sudeste concentram 84% dos Millennials.

Barreiras geográficas, diferenças etárias ou socioeconômicas perderam importância.
 Compartilham suas vidas pessoais na internet e não têm preocupação com o que é privado.

90% TRABALHAM EM CASA, 3% EM COWORKING E 2% EM CAFÉS OU OUTROS LUGARES PÚBLICOS.
 60% TEM AGORA MELHORES INTENÇÕES COM OUTRAS PESSOAS.
 91% TEM AGORA MELHORES INTENÇÕES COM OUTRAS PESSOAS.

SETORIZAÇÃO



DADOS DE PESQUISA COLETADOS



TIPOLOGIA DE LAR



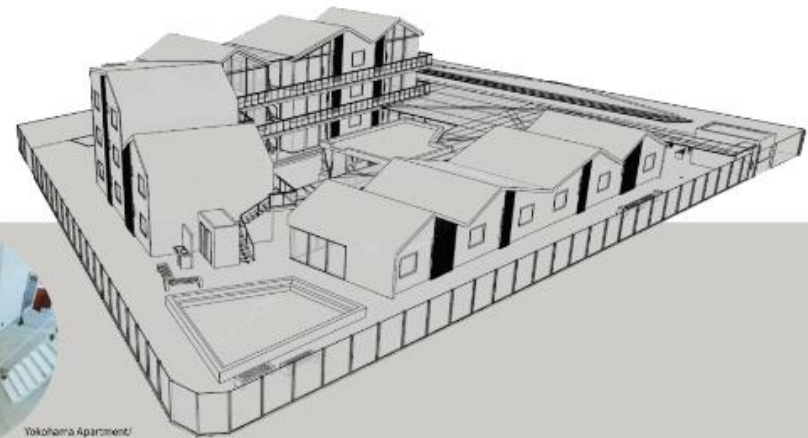
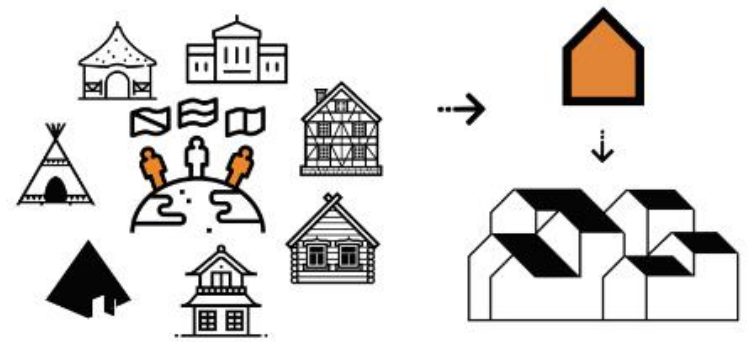
DIRETRIZES PROJETAIS

Criação de um marco residencial	Funcionalidade e conforto. Atualização layout.	Espaço de incentivo inter-relacional - aberto e dialogando com a rua.	Residências familiares - clima de intimidade.	Horizontalidade e compacto suficiente para ser preenchido pelas pessoas.

FLUXOGRAMA



VOLUMETRIA



REFERÊNCIAS





RUA PARÁ



IMPLANTAÇÃO COBERTURA

ESC: 1/150

ÁREA COBERTA: 518,96m²

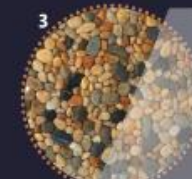
PAVIMENTAÇÃO



Piso drenante



Placa cimentícia ecológica



Seixo rolado

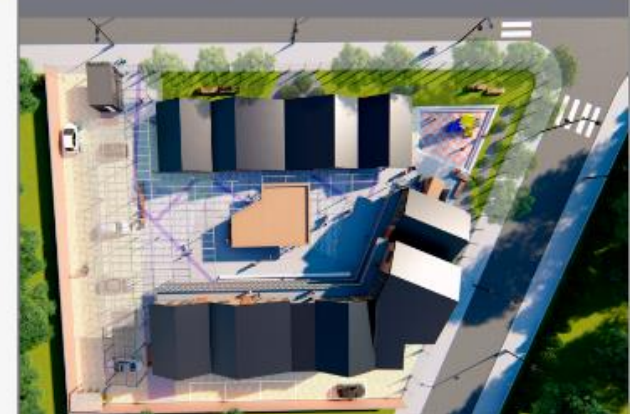


Concregrama



Piso de borracha

IMAGENS



TIPOLOGIAS



IMAGENS INTERIOR



DADOS

ÁREA PAVIMENTO 1 - TÉRREO: 937,55m²
 ÁREA TOTAL CONSTRUIDA: 2203,77m²
 T.O: 47%
 C.A: 0,85



RUA PARÁ

B

A

ACESSOS DE VEICULOS CI
 PORTABRANCA
 ACESSOS MRCIPAL



R. EUGÊNIO DE SOUZA

PAVIMENTO TÉRREO

ESC: 1/150

B



SEGUNDO PAVIMENTO

ESC: 1/150

ÁREA CONSTRUÍDA: 407,54m²





TERCEIRO PAVIMENTO

ESC: 1/150

ÁREA CONSTRUÍDA: 340,72m²

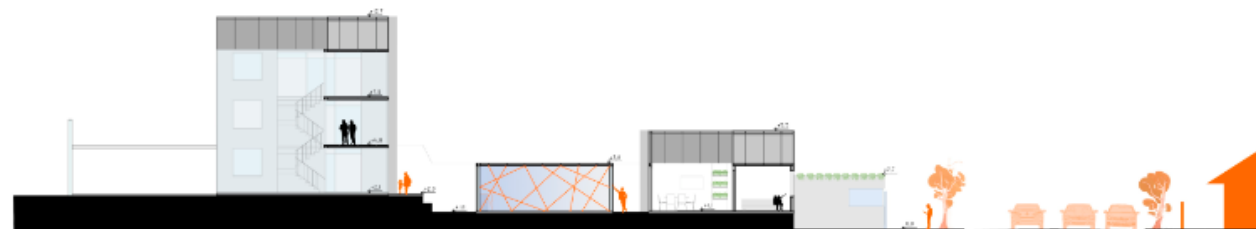
IMAGENS





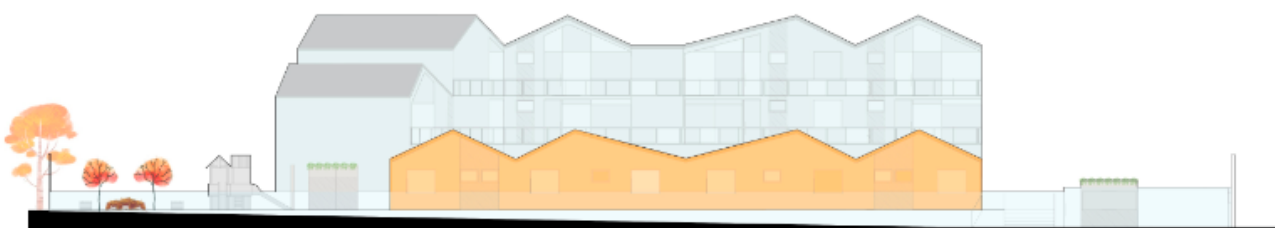
CORTE LONGITUDINAL - A-A

ESC: 1/150



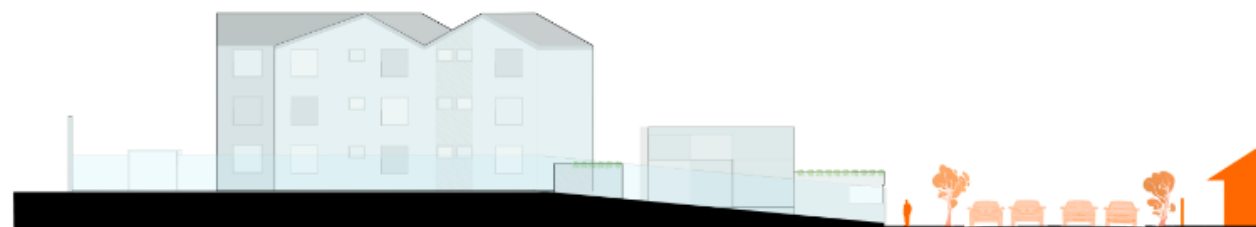
CORTE LATITUDINAL - B-B

ESC: 1/150



ELEVAÇÃO NORTE - RUA PARÁ

ESC: 1/150



ELEVAÇÃO LESTE - RUA EUGÊNIO DE SOUZA

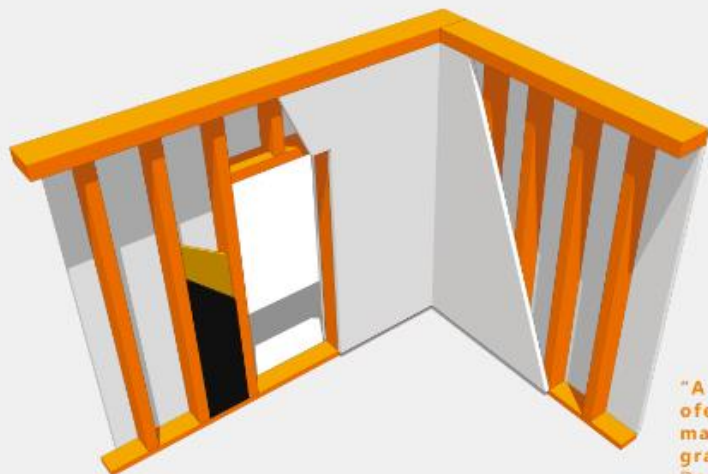
ESC: 1/150

SISTEMA ESTRUTURAL WOOD FRAME

WOOD FRAME

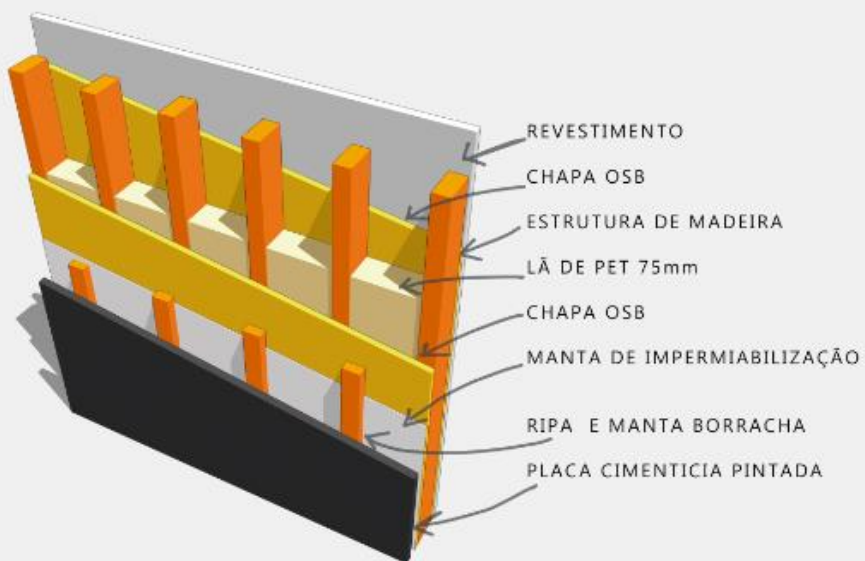
As lajes e coberturas são produzidas em fábrica recebendo isolamento térmico e acústico integral. A laje é formada por vigas corridas (montantes) ou treliças montadas, que posteriormente são travadas com bloqueadores metálicos e entrelaçadas por fitas metálicas tensionadas, podendo ser revestidas com placa cimentícia, madeira ou revestimento de escolha.

Todas as instalações elétricas e hidráulicas são passadas antes do fechamento das paredes com as placas de OSB, o que propicia economia de tempo, de material, de resíduos, e a não utilização de água nesse processo.



"A estrutura oferece liberdade maior para projetar grandes vãos."
Daniel Salvatore

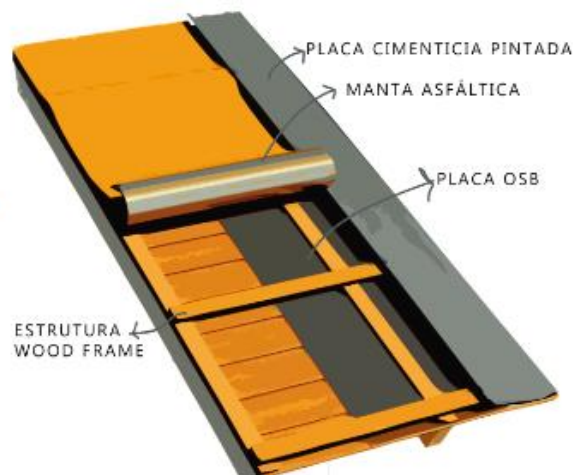
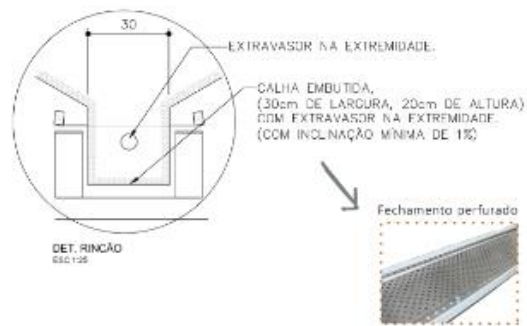
SISTEMA ESTRUTURAL ESQUEMÁTICO



- REVESTIMENTO
- CHAPA OSB
- ESTRUTURA DE MADEIRA
- LÃ DE PET 75mm
- CHAPA OSB
- MANTA DE IMPERMEABILIZAÇÃO
- RIPA E MANTA BORRACHA
- PLACA CIMENTÍCIA PINTADA

PAREDE IMPERMEABILIZADA ESQUEMÁTICA

DETALHE CONSTRUTIVO TELHADO

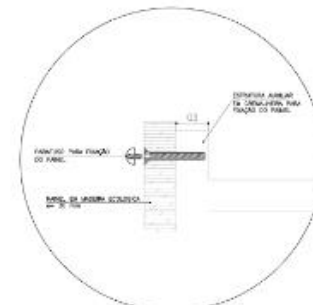


PAINEL

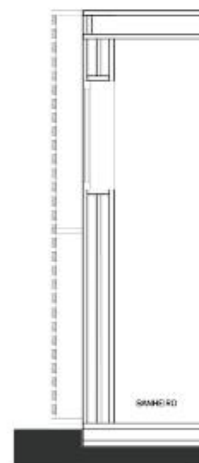


Madeira ecológica

Ou madeira plástica é um produto brasileiro que agrega matérias primas recicláveis - resíduos - os quais são misturados e transformados em peças semelhantes à madeira natural. O processo não contém nenhuma das substâncias tóxicas e ainda evita o desmatamento e não contamina o solo nem as águas subterrâneas.



DET. FIXAÇÃO DOS PAINÉIS 02/125



DET. PAINÉIS 02/125